



# ESCRITOS DE DESIGN

um percurso narrativo  
**DIJON DE MORAES**

**Blucher**

**Dijon De Moraes**

**Escritos  
de design**

*Um percurso narrativo*

**Blucher****Publisher**

Edgard Blücher

**Editor**

Eduardo Blücher

**Produção editorial**

Bruna Marques

**Preparação dos textos**

Tássia Santana

**Revisão dos textos**

Ana Maria Fiorini

**Projeto gráfico**

Silvia Fernandez

Leandro Cunha

Dijon De Moraes

**Diagramação**

Negrito Produção Editorial

Copyright © Dijon De Moraes, 2021

Editora Edgard Blücher Ltda.

Rua Pedroso Alvarenga, 1.245, 4º andar

04531-012 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 (11) 3078-5366

editora@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos para o português reservados pela **Editora Edgard Blücher Ltda.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Moraes, Dijon De

Escritos de design: um percurso narrativo / Dijon de Moraes. – São Paulo: Blucher, 2021.  
558 p.

Bibliografia  
ISBN 978-65-5506-246-5

1. Desenho industrial. 2. Designers – Escritos. 3. Designers – Formação.  
4. Designers – Carreira acadêmica. I. Título.

21-1088

CDD 745.4

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Desenho industrial

# Conteúdo

15	<b>Parte I</b>
17	<b>Capítulo 01</b>
19	Formação espontânea e subjetiva
22	No caminho das pedras
24	Objetos, utensílios e artefatos
31	Brinquedos e diversões <i>naif</i>
33	Fabuloso mundo lúdico, mítico e bufo
38	Escola formal e escola da vida
40	Entre ritos e mitos
45	Criatividade e estética popular
49	Vivendo a idade média e os anos 1960
52	Muito além do cinema
54	Ingenuidade política
57	Início da consciência social
60	Encontro com a metrópole
67	<b>Capítulo 02</b>
69	A caminho da capital
72	Vivendo uma nova cidade
76	As novas amizades
78	Desenho industrial
80	Curso de desenho industrial na FUMA
83	Consciência política
85	Design de centro e periferia
89	Tecnologia alternativa e apropriada
90	Primeiras premiações em concursos nacionais
94	Ativismo social e profissional

97	Iniciando como desenhista industrial
100	Desenho industrial versus design
103	Contrato profissional de trabalho
106	Além do trabalho e outras histórias
108	Término da lei de informática e novas oportunidades
110	Conhecendo o estado da arte
113	Prêmio Design Museu da Casa Brasileira
115	Núcleo de Desenvolvimento de Produtos
117	Mercado de design em expansão
121	<b>Capítulo 03</b>
123	Inquietação pessoal e profissional
125	Abrindo-se para o mundo
127	Chicago, uma grata surpresa
129	<i>American life style</i>
130	Mestres americanos
132	Retorno ao Brasil e a caminho da Europa
133	Conhecendo de perto o design italiano
136	Um <i>brainstorm</i> pessoal
138	Seguindo pela Europa
142	Dijon Design Studio
144	Publicações nacionais e primeira Bienal de Design
147	Mudança de rota e outros caminhos
150	Casa no circuito moderno
151	Mudando o cenário, mudando o ensino
154	Maior venda de mobiliário corporativo do Brasil
155	Design e cultura <i>mitteleuropeia</i>
159	O design abre novos espaços e perspectivas
163	<b>Parte II</b>
165	<b>Capítulo 04</b>
167	Vivendo e estudando em Milão
169	<i>Scuola Politecnica di Design di Milano</i>
171	Cotidiano da escola
172	Isao Hosoe: um estrangeiro no design e na vida
178	Encontros, desencontros e despedidas
181	Caminhos de abismos e sem atalhos
183	Milão das oportunidades e amizades

184	Achille Castiglioni: Encontro com o mito
189	Roberto Sambonet e seu amor pelo Brasil
190	Entre cursos, concursos, livros e revistas
193	Referências hispânicas
199	<b>Capítulo 05</b>
201	Retornando ao Brasil
202	Consultoria à Madeirense Móveis para Escritórios
205	Projeto de uma estratégia vencedora
206	Impacto do <i>Colonna System</i> no mercado brasileiro
209	Redesenhando a vida
213	Associação de classe no design em Minas
216	Primeiras publicações sobre design no Brasil
217	Inovando no ensino de design
226	E <i>La nave va</i> em tranquilo mar
231	<b>Capítulo 06</b>
233	Livro <i>Limites do Design</i>
241	Simbologias de um candelabro
242	Centro de Comunicação, Design e Tecnologia Gráfica
246	Experiências acadêmicas no Sul do Brasil
248	Design brasileiro em mostra
250	Teoria e prática no design
255	O Conceito da Marca Brasil
256	Buscando parceiros internacionais
261	Design no trabalho e na vida
263	Riscos na vida e no design
269	<b>Parte III</b>
271	<b>Capítulo 07</b>
273	Doutorado em Design no <i>Politecnico di Milano</i>
277	Papel do orientador no doutorado
280	Percurso formativo doutoral em design
285	Dialéticas do design italiano
289	Inserção na rede internacional de design
292	Entre signos e significados

295	<b>Capítulo 08</b>
297	Origens italianas
299	Milão e seus canais chamados <i>navigli</i>
302	Experiências extracurriculares na Itália
304	Conclusão do PhD e desdobramentos
308	Muito além do doutorado
310	Atividades de pós-doc
314	Cerâmicas Caleca Itália: uma experiência projetual
323	<b>Capítulo 09</b>
325	Retorno ao Brasil após o doutorado
328	Coleção Ubá Móveis de Minas
337	Planejamento Estratégico do APL de Ubá
343	Centro de estudos teoria, cultura e pesquisa em design
345	Coleção <i>Cadernos de Estudos Avançados em Design</i>
347	Palestras de difusão e promoção do design pelo Brasil
348	Para além da difusão do design
352	Projeto Compex 10x6 da Assintecal Brasil
355	Livro <i>Análise do design brasileiro</i>
362	Coleção Goiânia Design
366	Oficina de design: móveis do Oeste de Santa Catarina
371	<b>Parte IV</b>
373	<b>Capítulo 10</b>
375	A caminho da gestão universitária
377	Início como vice-reitor
381	Mudando o olhar sobre gestão
384	Alargando as fronteiras acadêmicas internacionais
387	Missão em Cuba
397	<b>Capítulo 11</b>
399	Primeira gestão como reitor
401	Uma nova experiência de planejamento estratégico
410	Novas linhas-guias do PDI, Estatuto e Regimento
412	Uma gestão rumo ao futuro
418	Inter-relação e internacionalização como qualidade acadêmica
431	Paraninfo no <i>Politecnico di Milano</i>
436	Livro <i>Metaprojeto: o design do design</i>

443	Primeiro livro do Tomás Maldonado no Brasil
447	Conquistas históricas para a universidade
452	<i>Ad Honorem</i>
459	Escola de Design na Praça da Liberdade
470	Realização da IV Bienal Brasileira de Design
479	UEMG triplica de tamanho em dois anos
483	<b>Capítulo 12</b>
485	Segunda gestão como reitor
499	Acervo Alberto e Priscila Freire
506	Primeiro curso de Medicina
510	Missões da ABRUEM, um espaço de aprendizagem
516	Doutorado em design
528	Reformulação da editora e criação da TV UEMG
530	Semana de Minas na EXPO15
533	Avanços marcantes em meio à recessão econômica
539	Notas de um reitor-designer ou designer-reitor
545	Ciclo que se conclui
553	<b>Referências</b>



**CAPÍTULO**  
**01**

### **Formação espontânea e subjetiva**

Era uma tarde de setembro do ano de 1968, eu ainda não havia completado 8 anos de idade, o ambiente onde me encontrava era um pouco escuro, mesmo sendo dia. Eu observava a minha mãe, que conversava e sorria alto com suas amigas em volta de uma imensa e pesada mesa escura de madeira. Por cima da mesa se encontrava um grande número de utensílios de cozinha, como colheres em modelos distintos, grandes travessas e também outros objetos de metal. Havia, ainda, vários tabuleiros em diversos tamanhos e formas, grandes e pequenos bicos de metal para uso em confeitaria, que definiam a decoração final de bolos e biscoitos. Viam-se, ainda, peneiras de diferentes diâmetros, funis longos e curtos, pratos esmaltados, carretilhas de cortar massas, batedores manuais de ovos em formato espiral cônicos e outros que, às vezes, lembravam-me tentáculos de polvos.

Também havia pincéis de pena de ganso e fôrmas de desenhos variados, recordo-me de uma delas em formato de pássaro e outra em formato de peixe. Além disso, tinha em mostra uma infinidade de objetos menores que não sei precisar ou recordar o seu uso. Eu, criança, percebia por detrás da minha mãe e de suas amigas uma série de janelas altas em formato de venezianas basculantes, de onde adentrava uma tímida luz clara que atravessava as pesadas e escuras máquinas de modelar pães. A luz que ali adentrava proporcionava ao ambiente uma tonalidade sépia com diferentes nuances entre claro e escuro, formando, assim, longos túneis, como se fossem de fumaça. Recordo-me de que o cheiro desse ambiente, de pouca aeração, era muito forte, devido à intensa mistura do aroma da farinha de trigo molhada, esta muito branca e sempre disposta sobre as escuras bancadas de madeira. Existiam os velhos maquinários destinados a misturar as grossas massas e máquinas menores para calandrar e delinear as mais finas. Havia também outros equipamentos que faziam a extrusão da massa crua em forma de longos cilindros maciços, que viriam posteriormente divididos em medidas iguais para se tornarem pães.

As amigas da minha mãe eram jovens e bonitas, deviam ter no máximo 30 e poucos anos de idade. Lembro-me dos coques nos cabelos e dos recheios nos sutiãs para aumentar o tamanho e o volume dos seios, sei disso porque no padrão de moda que seguiam à época, elas exageravam no afunilamento dos sutiãs, que pareciam, muitas vezes, os funis de metais que se encontravam também dispostos sobre a velha e pesada mesa de madeira. Muitas delas usavam grandes e vistosos colares e brincos, mas sem o uso de anéis, pois, naquele dia, as mãos deveriam estar livres para a feitura dos bolos, quitandas e biscoitos.

Lembro-me bem do Senhor Adão, o velho padeiro alto e magro, pele branca avermelhada, que, como um malabarista, esticava e jogava para o alto as amostras das massas ainda semicruas, procurando, assim como em um processo de alquimia, torná-las prontas para as etapas seguintes de preparo, corte e inserção ao forno. O Senhor Adão era um homem de poucas palavras, talvez por respeito às seis mulheres amigas que, uma vez por mês, sempre no período das tardes dos sábados, alugavam a única padaria existente na cidade de Pedra Azul, onde nasci, no nordeste de Minas Gerais, para fazer iguarias e quitandas para o consumo próprio das suas famílias.

Para mim tudo era como em um momento de festa, pois, nessa época, por ser o caçula da família, a minha mãe sempre me levava com ela para a festa dos biscoitos com as amigas, que, na verdade, era também um momento especial de encontro somente delas. Eu gostava muito de ir nesses encontros das biscoiteiras amigas e não me lembro de haver outras crianças com esse privilégio. Possivelmente os filhos das colegas da minha mãe eram já maiores e se ocupavam de outros fazimentos mais estimulantes para a idade deles. Fato é que, para me ocupar por todo o dia preso nessa velha padaria escura, a minha mãe usava de uma estratégia bastante interessante: fazia uma massa muito fina e de fácil modelagem e a colocava em um desses sacos maleáveis de confeitar bolo para que eu pudesse me distrair. Entregava-me, de igual forma, um tabuleiro feito em chapa de metal escuro — provavelmente, quando novo tenha sido na cor alumínio, mas de tantas idas e vindas ao forno ficara mesmo muito escuro e queimado — que pertencia somente a mim, e onde eu poderia fazer meus próprios biscoitos quantas vezes e formatos quisesse.

Recordo-me de que meus biscoitos eram sempre em formato de objetos e produtos como bola, revólver de espoleta, carro, alicate, tesoura, avião, trem de ferro, bicicleta, arco e flecha, radio, óculos, livro etc., que uma vez prontos e assados, vinham por minha mãe colocados em um saco de algodão branco muito alvejado, que eu trazia comigo pelas ruas da cidade até a nossa casa saboreando meus próprios produtos comestíveis pelo caminho. Os demais biscoitos também vinham ordenados em sacos de algodão branco repletos de iguarias de diversos sabores e formas. Na verdade, as centenas de biscoitos e quitandas vinham ao final

repartidos entre as amigas, que dividiam entre si os custos das matérias-primas, o aluguel do espaço e o valor pago ao velho padeiro Adão.

Chamava-me muito a atenção o fato de o padeiro Adão sempre usar o mesmo uniforme, na verdade bem gasto e manchado, que consistia de uma grossa calça e guarda-pó confeccionados em um tecido brim de cor branca. Como forma de complemento da sua vestimenta, ele equilibrava com bastante garbo e maestria um velho quepe também em brim branco, que nunca saía da sua cabeça, mesmo quando realizava bruscos movimentos que o ofício lhe exigia. Por todas as vezes da festa dos biscoitos, que somente terminavam ao anoitecer dos sábados, minha mãe e suas amigas cantavam as músicas que precederam o meu nascimento nos anos 1960. Eram as canções das rainhas do rádio Emilinha Borba (1923-2005) e Marlene (1922-2014), as suas preferidas, e outras canções folclóricas e regionais do Vale do Jequitinhonha, que, por tradição, se passavam de pais para filhos.

O destino dos biscoitos era uma despensa existente nos fundos da nossa casa, tratava-se de um quartinho de mantimentos que compunha o cômodo do meio de um barracão localizado no quintal da casa. Os outros cômodos desse barracão eram o quarto da Celina e Tereza, que trabalhavam conosco; um quarto de costura onde também havia uma cama em que meu pai gostava de colocar o seu sono em dia nos finais de semana; e um outro quarto onde se guardavam ferramentas, objetos em desuso e utensílios de limpeza. No quarto da despensa existia um largo rodapé em forma de bancada com mais ou menos 15 centímetros de altura, nesse local era onde vinham colocados diversos mantimentos, como sacos de arroz, feijão, farinha, açúcar e as latas grandes com os biscoitos da minha mãe, que vinham divididos conforme as receitas realizadas: biscoitos de queijo, mandioca, batata, polvilho, goma e milho.

Na parte do fundo do quartinho da despensa, existia uma prateleira de madeira em formato piso-teto, onde se estocavam produtos de embalagens menores, como café, óleo de cozinha, azeite, leite Moça, pó Royal, Maizena, creme de leite, Toddy etc. A estante parecia mesmo um desses pequenos armazéns de interior, faltando somente o balcão frontal de madeira para o seu complemento. Curioso que um dos sacos desse depósito de mantimentos da minha casa era muito especial; o meu pai, ciente da realidade da pobreza existente no Vale do Jequitinhonha, mantinha sempre em nossa casa um saco de farinha, que às vezes se alternava com um de arroz ou feijão, para ser dado aos mendigos que, em constante romaria, passavam sempre pela nossa rua desde a parte da manhã até a noitinha pedindo esmolas. Uma das minhas funções em casa, junto ao meu irmão ligeiramente mais velho, era a de encher uma canequinha do alimento, constante no saco destinado aos mendigos, e entregá-la na porta da nossa casa sempre com o mesmo e repetido diálogo: “Uma esmola pelo amor de Deus”, e, na sequência, “Deus te ajude”, ao que sempre respondíamos: “Amém”.

### **No caminho das pedras**

Pedra Azul compõe a rota das cidades mineiras, existentes no nordeste de Minas Gerais, que levam nomes de pedras preciosas, como Diamantina, Turmalina, Itamarandiba, Malacacheta e Berilo. A cidade tivera seu auge de riqueza nas décadas de 1930, 1940 e metade dos anos 1950, mas nos anos 1960 ainda era muito isolada das poucas benesses do mundo moderno que começavam a se estabelecer no Brasil, à época um país em início de processo de industrialização.

Por aquela região ainda não havia chegado a televisão, que no Brasil tinha sido inaugurada nos anos 1950. De igual forma, a luz elétrica era alimentada na nossa cidade por uma antiga usina, cujo gerador era movido a óleo diesel e, devido ao alto custo de sua manutenção, funcionava diariamente somente das 19h00 às 00h00. Essa realidade fez com que eu tivesse contato com alguns produtos bastante curiosos durante toda a minha infância. Um deles, recordo-me bem, era a geladeira da nossa casa, que funcionava à base de querosene. Para tanto, o meu pai mantinha, também na dispensa da nossa casa, além dos mantimentos normais, latas de querosene para abastecer a nossa estranha geladeira.

Lembro-me de que na brilhante lata metálica, onde vinha acondicionado o querosene, via-se em alto relevo, como parte da logomarca, o desenho de um grande jacaré que dava nome ao produto. Existia também um interessante funil horizontal muito comprido, contendo um bico torto voltado para baixo em uma das suas extremidades. Esse curioso bico contrastava e se contrapunha ao bojo receptor acoplado na outra extremidade do funil. Na parte de baixo da geladeira, logo abaixo da porta frontal, existia uma tampa falsa, a qual retirávamos para termos acesso a um recipiente escuro, no qual colocávamos o combustível para alimentar a geladeira.

Após o abastecimento nesse recipiente, através desse funil concebido para ser utilizado na horizontal, ocorria uma mágica que sempre me intrigava: o meu pai acendia com um fósforo uma espécie de pavio que, queimando o querosene, alimentava as serpentinas que faziam esfriar por dentro a geladeira. Nunca consegui entender como isso era possível de ocorrer, isto é, o fogo fazer a mágica de refrigerar a nossa geladeira por dentro, inclusive na parte superior, onde se localizava o congelador, no qual fazíamos gelo. Essa cerimônia de abastecimento da nossa geladeira, da qual eu adorava participar com meus irmãos, ocorria normalmente nos dias de sábado, o que quer dizer que o recipiente do querosene tinha autonomia para durar uma semana inteira.

Outra curiosidade da nossa casa era a relação entre a cozinha e o banheiro social. Na cozinha, o fogão era a lenha, e dentro dele passava um grosso e curvo cano de ferro denominado de serpentina que vinha ligado ao chuveiro do banheiro social. Isso quer dizer que para a água do nosso chuveiro ser quente, o fogão deveria estar em funcionamento ou pelo menos ter ficado por grande parte do dia aquecido,

pois, ao contrário, a água do chuveiro saíria fria. Isso explica o fato de todos nós da família — meu pai, minha mãe, três irmãs e cinco irmãos — tomarmos sempre banho antes das 20h00.

Meu pai se chamava Dijon, minha mãe Diva e, na sequência, por idade do mais velho para o mais novo, vêm assim denominados: Carlos, Graça, Meire, Paulo, Socorro, Marcos, Dijon e Ricardo. Este último veio quando eu já tinha 11 anos de idade, e me deixou muito enciumado, pois eu era, até então, o caçula da família. Na verdade, o fato de o meu nome ser o mesmo do meu pai, era um sinal de que eu seria o último dos filhos, mas naquela época não existia o controle de gravidez como há nos dias atuais. A história do meu nome é também um fato curioso, o meu pai conta que eles moravam em uma fazenda do meu avô, na cidade de Jequié, no sul da Bahia, onde havia plantações de cacau e cuja parte da produção vinha exportada. Em uma certa época de colheita da safra, eles receberam a visita de um comprador francês que foi fazer negócios com o meu avô. Percebendo que a minha avó estava grávida, esse senhor perguntou, se caso fosse um menino, se eles colocariam o nome de Dijon, que era a cidade de sua proveniência na França. O meu avô, atendendo ao pedido do cliente, colocou o nome do meu pai de Dijon, isso fez com que eu me tornasse Dijon Moraes Júnior — ou Dijonzinho, como passei a ser chamado por toda a vida por familiares e amigos de infância.

Na casa de um amigo muito próximo do meu pai, que eu gostava muito de visitar, existia um outro produto que muito me encantava, lá a geladeira era movida a gás, cujo botijão vinha da cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, distante 150 km de Pedra Azul. Essa geladeira também me atiçava a curiosidade, mas ao mesmo tempo me transmitia muito medo, pois pensava que o gás poderia a qualquer momento vazar e explodir toda a casa. Esse produto, como a nossa geladeira, também tinha de ser aceso com fósforo para fazer a mágica do recipiente interno gelar, porém esse apresentava uma vantagem em relação à nossa geladeira, o gás precisava ser trocado apenas mensalmente. Na verdade, eu preferia muito mais o nosso sistema, pois esperar um mês para haver novamente essa excitante experiência do abastecimento seria muito sofrimento para uma criança que contava os dias da semana para ter acesso às entranhas da geladeira movida a querosene.

Em outras casas de famílias mais ricas da cidade existia o fogão de ferro movido a lenha. Este era um produto muito bonito, de metal esmaltado em branco, contendo detalhes de acabamento em preto fosco. A lenha vinha colocada na parte frontal do fogão e, logo abaixo, existia uma gaveta metálica para armazenar as cinzas. O fogão de ferro a lenha era suspenso por pés também metálicos em forma de “L” que iam se afunilando da altura do seu corpo até o pavimento. O corpo desse fogão muitas vezes era pintado à mão com motivos florais ou campestres, possivelmente eles eram importados dos Estados Unidos ou Europa. Esses fogões

recordavam o fogão a gás, mas eram bem maiores e pesados que os a gás que somente se popularizaram em nossa cidade a partir dos anos 1970.

Pedra Azul se localiza entre uma sequência circular de grandes pedras que, na minha infância, devido a uma questão de escala, pareciam ser bem maiores do que são na realidade. A cidade parece localizada dentro de um grande vulcão desativado, e o nosso bairro, chamado de Paineiras, devido a esse tipo de árvores ali existentes, ficava próximo à Pedra da Montanha, um imenso monobloco adormecido de cor escura com poucas e baixas vegetações que timidamente a recobriam. Lá de cima, onde subíamos constantemente em bandos de garotos, podíamos admirar toda a cidade e nos divertíamos ao perceber que a nossa cidade tinha o desenho urbanístico em formato de um escorpião. É interessante observar que se no caminho do grande poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) tinha somente uma pedra, no nosso havia quatro, e das grandes: Pedra da Montanha, Pedra do Cruzeiro, Pedra da Conceição e Pedra da Rocinha, que, em círculo, emolduravam a cidade e nos protegiam.

### **Objetos, utensílios e artefatos**

Na nossa cidade, como a luz sempre se apagava à meia-noite, quando tínhamos festas ou recebíamos visitas, como as de tios e primos que vinham de outras cidades, sabíamos que após três sinais sequenciais a luz seria desligada pela usina central, pois as lâmpadas piscavam três vezes em pequenos intervalos, assim nos anunciando. Dessa forma, prevíamos que era a hora de acender os lampiões da marca Aladim, que eram confeccionados com a base e o corpo em alumínio, contendo uma longínqua cúpula vertical de vidro, cujas bordas eram em desenhos ondulados. Esse produto também era à base de querosene, no qual se tinha um pavio que, por meio de sua roldana central, nos possibilitava aumentar ou reduzir a intensidade da luz no ambiente. Tínhamos sempre mais de um “Aladim” em casa, pois a sala era bastante grande e para ficar bem iluminada eles precisavam ser distribuídos em diferentes pontos da sala.

Para a iluminação dos quartos da nossa casa, quando a luz da cidade se apagava, havia a solução dos “candeeiros Fifós”. Estes eram confeccionados em folha de flandres em formato cônico, com pavios umedecidos internamente em óleo de mamona, que não exalava tanto cheiro quanto o querosene. Esses candeeiros eram destinados a todos os cômodos de dormir da casa, e, pelo fato de possibilitar uma luz mais quente e suave, eram ideais para proporcionar uma penumbra para uma relaxante noite de sono. O problema era que esses candeeiros no dia seguinte deixavam as nossas narinas repletas de espessas fuligens pretas. Outro produto, um pouco mais moderno e também muito utilizado nessa época em alternativa ao “candeeiro Fifó”, era uma lamparina de montagem caseira que consistia em uma roda de cortiça sobreposta por uma fina capa metálica em forma de estrela,

cujo centro tinha um pequeno orifício onde se encaixava um rígido pavio de cera vermelha. Esse disco, que era flutuante, vinha posicionado no centro de um copo de vidro comum, composto metade por água e a metade superior com óleo de cozinha, por onde boiava o pavio feito de cortiça. Interessante notar que quando o pavio atingia o limite da água, exatamente no meio do copo, ele automaticamente se apagava e isso ocorria mais ou menos às seis horas da manhã. Vale ressaltar que essa pequena inovação fazia com que as fuligens e picumãs, que vinham sendo produzidos por durante toda a noite, não mais se afixassem em nossas narinas.

Mas o problema mesmo era quando ficávamos acordados por motivo de festa e à meia-noite a luz ia embora (como dizíamos em família), pois assim se desligava também a nossa radiola que era acoplada a um bonito móvel de madeira que, quando fechado, parecia um armário normal em nossa sala. O móvel-radiola, lembro-me bem, era em pé palito, e isso me indica que meus pais o adquiriram no final da década de 1950 ou início dos anos 1960. Ele era confeccionado em madeira de uma tonalidade clara próximo ao pau-marfim. Essa radiola, quando abertas as suas portas frontais, nos revelava do lado esquerdo um rádio que sintonizava, dentre outras, as estações de Belo Horizonte, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro; e, do lado direito, o local em que se encontravam os alto-falantes devidamente embutidos em um macio e sedoso acabamento. Esses alto-falantes eram cobertos por uma manta de tecido estofado, contendo desenhos com tons mistos entre fios brilhantes e foscas em amarelo dourado e ocre.

Na parte superior desse móvel, quando se alçava a tampa para se ter acesso à parte central onde vinham inseridos os discos, via-se o braço da radiola, que era confeccionado em termoplástico rígido em cor beje, com sua delicada agulha que deslizava suavemente sobre os sulcos de um escuro disco de vinil preto. Curioso observar o eixo central metálico, que ficava encaixado no prato da radiola e que era revestido por um espesso feltro verde que completava o conjunto do gira-discos. Nesse eixo podiam ser encaixados até doze *long plays* (como eram chamados os LP) de uma só vez, estes desciam e se posicionavam no prato central com verdadeira suavidade e precisão e, conforme se ia concluindo a execução de um disco, outro descia até completar o estoque ali inserido. Por fim, na parte de baixo do móvel existia uma gaveta bastante profunda onde se acondicionavam todos os discos que possuíamos em casa. Estes discos vinham acomodados em caixas quadradas contendo várias coleções musicais, lembro-me bem de uma série da Continental e outra da Polygram Discos que faziam muito sucesso entre meus irmãos, que sempre foram muito envolvidos com música.

A nossa casa estava sempre em festa, meus irmãos cantavam e tocavam violão, e como minhas irmãs eram parte da turma muito jovem da cidade, todos os amigos faziam da nossa casa um ponto de encontro e de memoráveis comemorações. Não raro, os artistas que vinham se apresentar no Cine Teatro Izabel da nossa cidade

terminavam a noite em nossa casa com parte do público, amigos, fãs e curiosos que queriam conhecer de perto os ilustres visitantes. Por lá passaram artistas da Jovem Guarda, boêmios e seresteiros mais ou menos conhecidos e muitos que se tornaram posteriormente famosos.

Minha casa também era um espaço de apresentação de inovações tecnológicas para os nossos vizinhos de bairro. Recordo-me de que o meu irmão mais velho, que tinha ido estudar em Vitória, no Espírito Santo, certa vez, ao retornar de férias, trouxe um gravador de fitas de rolo. Isso foi um grande acontecimento para todos nós, pois escutar a nossa própria voz era muito excitante. Engraçado foi convencer a Celina, a nossa cozinheira de casa, a gravar e ouvir a sua própria voz, pois ela achava que aquilo era coisa do demônio e somente mudou de ideia quando o padre da cidade foi conhecer a novidade e viu que tinha um potencial diante de si, no sentido de levar a palavra de Deus para os seus fiéis, a qualquer hora do dia ou da noite, nos bairros mais longínquos da cidade. Esse gravador da marca Phillips era um modelo portátil, de cor areia, e tinha uma tampa transparente na sua parte superior que nos permitia ver os rolos de fitas nas cores marrom-escuro, que giravam enquanto se gravavam ou reproduziam os sons registrados.

Recordo-me também de um outro produto existente na nossa casa que me deixava muito excitado, tratava-se de uma bomba hidráulica elétrica que funcionava, como tudo na nossa casa que fosse elétrico, somente na parte da noite. Essa bomba tinha a função de levar água da cisterna do quintal para as duas caixas d'água existentes: uma para o banheiro social e outra que abastecia as pias de lavar roupa e os utensílios de cozinha. Ocorre que essa bomba sempre quebrava e até a chegada do Toninho Preto ou do Senhor Cristalino, que eram os bombeiros que lhe davam manutenção, às vezes se passavam dias e era nesse momento que entrava em cena o trabalho braçal de todos nós, “os homens da casa”. Tínhamos de encher as duas caixas d'água no braço, pois a bomba de reserva para essas ocasiões funcionava somente manualmente. Recordo-me de que a nossa bomba elétrica era toda em cor vermelha, com uma bobina aparente na cor bronze e se localizava em uma das suas extremidades laterais. A bobina podia ser vista através de uma capa metálica vazada em sulcos lineares que evitava o seu aquecimento. A nossa bomba manual era em cor verde-oliva e tinha um formato semelhante ao de um grande papagaio, pois quando abaixávamos a sua haste metálica traseira, alçava-se uma tampa frontal com um eixo que levava ar ao seu compartimento interno, fazendo, assim, com que a água subisse por gravidade até a caixa d'água.

Em nossa casa os quartos dos meus irmãos mais velhos eram, para minha imaginação infantil, um verdadeiro sonho de consumo. Na verdade, em famílias numerosas, é bem normal que os primeiros filhos levem sempre vantagens nos espaços físicos em relação aos mais jovens. É também natural que conforme a família vai crescendo, vão se adaptando os espaços existentes e a tendência é

manter os filhos mais velhos da forma como já estabelecidos. Para mim o quarto dos meus dois irmãos mais velhos espelhava bem essa realidade, pois eles tinham no quarto as duas camas que dormiam, dois guarda-roupas e dois criados-mudos individuais. De um lado da parede do quarto, um de meus irmãos pintou uma raposa gigante com uma bola no pé, pois somos todos cruzeirenses. A raposa aparecia devidamente vestida com o uniforme oficial do cruzeiro, contendo aquelas cinco estrelinhas brancas no peito esquerdo da camisa azul e calção branco. Na parede oposta à da raposa, ele havia pintado a caricatura dos quatro componentes dos Beatles, estes em tamanho que ocupavam quase toda a parede do quarto.

O quarto da minha irmã mais velha era todo, do piso ao teto, revestido com capas de revistas ou de páginas de anúncios com os ídolos da Jovem Guarda e de artistas de Hollywood, por ela colados. O meu quarto e do meu irmão era, por vez, dividido com mais duas outras irmãs, apesar de ser um quarto grande, não poderia ser comparado com as singularidades dos quartos dos meus irmãos mais velhos. Verdade é que quando meus dois irmãos se mudaram para estudar fora da nossa cidade, o quarto dos Beatles e da Raposa passou a ser meu e do meu outro irmão na sequência mais velho que eu, tudo isso com direito ao uso dos criados-mudos e dos guarda-roupas grandes, além das bonitas pinturas nas paredes.

A minha mãe colecionava muitas antiguidades na grande sala da nossa casa, vários objetos vieram dos arredores da nossa cidade e das vizinhanças adjacentes, muitos outros chegaram por doações de pessoas amigas e outros foram, ainda, adquiridos pelos depreendidos que se dispuseram a vendê-los. Recordo-me de vários oratórios que eram feitos em madeiras escuras ebanizadas e que guardavam santos de madeira com acabamento da roupa em policromia. Esses tinham os olhos de vidro e perfeitos detalhes em que parte das vestimentas eram pintadas em tinta à base de ouro. Esses santos barrocos, dizia-se na família, tinham mais de trezentos anos e pertenceram aos nossos bisavós paternos de uma linhagem da região de Jequié, na Bahia. Havia também dois genuflexórios que mais me pareciam uma espécie de cadeira para anões, pois eles tinham assentos muito baixos contendo almofadas vermelhas — que eram para se ajoelhar. O apoia-braços era torneados e composto de ricos detalhes em entalhes, que me lembrava o encosto alto de uma cadeira, esses eram destinados ao apoio dos antebraços e mãos em sentido de oração.

Tinha também na nossa sala muitas lamparinas de metal enfeitando as paredes, e eram em forma de ganchos e conchas de ferro acopladas entre si. Antigamente se colocava algodão cru e óleo de baleia para serem queimados para iluminar os ambientes nas antigas sedes de fazendas. Perto dessas lamparinas existiam várias armas antigas, como garruchas, espingardas e revólveres de época. No final da sala, ocupando toda uma parede, tinha uma estante de madeira com várias prateleiras também repletas de objetos antigos e coleções de livros. Dentre os vários objetos,

lembro-me de que ao centro da estante tinha uma grande imagem de cerca de 70 centímetros de altura da Nossa Senhora de Fátima, a quem o meus pais eram fiéis devotos. Tinha também um grande canivete que mais parecia um facão dobrável, que diziam ser para aparar unhas de cavalos, bem como várias tesouras que se destinavam a várias funções laborais em cidades do interior, como cortar crinas de animais, castrar garrotes e outras menores que serviam para cortar fumo de rolo e palhas de milho para fazer cigarros, além de vários modelos de bolcetas feitas em chifres de boi para a guarda de rapés.

Existia também muitos pesos de balanças antigas, que iam de minúsculos tamanhos, para aferir os gramas de temperos e especiarias, até os maiores e mais pesados, destinados a medir banha, manteiga, carne de sol e outras compras de até 7 quilos. Muito curioso também eram os medidores quadrados feitos em madeira, esses vinham denominados de pratos e cada dimensão de um prato definia quanto de mercadoria estava sendo adquirido pelo cliente, por exemplo, em uma peça quadrada pequena cabia meio prato de arroz, farinha, fubá etc. Continuando os objetos em mostra, havia muitas ferragens antigas, como velhas e grandes fechaduras em ferro com suas respectivas e imensas chaves de vários tamanhos e formatos, que compunham a nossa estante. Havia, ainda, nessas prateleiras várias compoteiras de vidro que se usavam antigamente para armazenar doces em compota, minha mãe me dizia que as de cores em tons de fogo eram as mais raras de se encontrar, elas ficavam ao lado de dois castiçais de louça verde e metal prata em estilo *art nouveau*.

Bem ao lado dessas compoteiras, existia uma coleção de cerca de cinco candeeiros de vidro em cores verde e amarelo claros, bem como alguns outros em vidros transparentes. Esses candeeiros em exposição eram translúcidos e deixavam à mostra o querosene na sua grande e alta base, também em vidro. Eles apresentavam, ao longo da base, bonitos desenhos decorativos, florais e geométricos, e, no final, um grande tubo de vidro em formato de pera, cujos bordos finais eram bicolors e ondulados. Na parte inferior da estante, ficavam, ainda, várias panelas e chaleiras de ferro, que eram escuras e muito pesadas. Logo ao lado dessas panelas de ferro, ficavam as máquinas manuais de costura, que poderiam plenamente funcionar, se não estivessem somente em mostra, pois elas ainda estavam completas e intactas. Na sequência existia uma série de sinos de mesa de professores, que se usavam antigamente para chamar a atenção dos alunos durante as aulas, esses eram em vários formatos e estilos e sempre confeccionados em pesados metais, como ferro e bronze.

Nas prateleiras do alto da estante havia várias coleções de livros, uma especialmente me marcou a primeira infância: a Coleção Monteiro Lobato (1882-1948), que consistia em 17 livros de capa dura, ricamente ilustrados, com várias histórias, dentre elas *As Caçadas de Pedrinho* e *O Sítio do Pica Pau Amarelo*. Outra coleção

de que bem me lembro era a *Enciclopédia Universo e Humanidade*, de autoria de Douglas Michalany, que era composta por seis volumes de capa dura em cor verde-escuro e que se destinava à história das civilizações antigas e clássicas. Uma outra imponente coleção era em seis volumes de capa também dura em vermelho-bonina, cujo título era *Curso Prático da Língua Portuguesa e sua Literatura*, que tinha sido escrito pelo ex-presidente Jânio Quadros (1917–1992). Essas últimas me interessei já na pré-adolescência.

Em uma das paredes da sala tinha também um ostentoso relógio de cordas feito em madeira escura, fabricado nos Estados Unidos pela empresa *Trade Clock American*. Meu pai precisava sempre dar cordas nesse relógio por meio de uma chave oca de corpo curto e que tinha um formato de borboletas na sua extremidade. Recordo-me de que essa chave ficava guardada dentro da própria caixa do relógio, que era dividido em dois círculos unidos por uma tampa frontal contendo detalhes em desenhos florais. O círculo superior era o maior e onde se localizava a máquina do relógio, também ali se localizavam os ponteiros com as suas extremidades bordadas que apontavam para números em algarismos romanos. Logo abaixo, estava o círculo inferior, com o medalhão e o pêndulo feitos em bronze, também decorados com motivos florais.

Esse relógio ficava na parede acima de um antigo móvel comprido sem portas chamado de atajé. Esse móvel tinha várias prateleiras onde a minha mãe guardava os pratos e louças que se utilizavam somente em dias especiais, e onde também se acomodava um pesado conjunto de faqueiro que ganharam quando da época de seu casamento. Esse faqueiro consistia em uma grande e alta caixa de madeira revestida em feltro azul, por dentro havia várias divisórias em espuma rígida também revestidas em feltro azul. Existia nesse conjunto de faqueiro quatro níveis de planos onde se colocavam os talheres, começando com o nível superior, com os talheres menores, até chegar ao nível inferior, onde se colocavam os talheres e utensílios maiores, o que justificava o seu tamanho e peso. Por cima do atajé, existiam várias outras antiguidades, como estribos e caçambas de apoio aos pés para montaria em selas. Um estribo tinha um desenho muito especial, pois era destinado às mulheres e parecia uma sandália de metal. Também ali havia uma velha chocolateira, há muito em desuso.

Cabe observar que tanto os discos quanto os livros existentes na estante da nossa casa eram sempre adquiridos com ambulantes e viajantes que passavam pela cidade oferecendo suas novidades. De igual forma, sempre apareciam também os fotógrafos itinerantes, que passavam fazendo álbuns de retrato que veríamos prontos somente alguns meses depois. Normalmente, quando retornavam era para nos entregar os álbuns e registrar outras famílias da cidade.

Um outro artefato que me chamava bastante atenção quando criança, mas que mesmo sem uso me causava náuseas, se tratava das escarradeiras, que eram pratos

altos e espessos confeccionados em louça ou metal esmaltado sempre em cor branca. Esses objetos serviam para que as visitas, em tempos outros, cuspissem ou escarrassem nesse recipiente sem precisar de se dirigir ao banheiro da casa, daí a denominação de escarradeiras. Minha mãe mantinha dois desses objetos próximos aos sofás da nossa sala e, mesmo sabendo que era somente como enfeite, sempre me causava uma espécie de náusea imaginar que uma visita pudesse fazer uso desses objetos. Semelhantes às escarradeiras, mas que me causava menos impressão, eram os urinóis de metais também esmaltados em branco que ficavam embaixo das nossas camas. Esses serviam para se fazer uso à noite, sem ter de levantar e se deslocar até o banheiro, eles eram utilizados somente em caso de emergência noturna.

Na minha casa, às sextas-feiras, ninguém podia pisar no chão da sala, que era todo construído em tacos confeccionados em madeira ipê. Os dias das sextas-feiras eram religiosamente destinados à limpeza do piso, que consistia em varrer, limpar, encerar e retirar as partes sujas escuras que persistiam em se acomodar por entre as juntas abertas dos tacos. Essa limpeza ocorria com instrumentos bastantes rudimentares e inusitados, como facas, arames e até grampos de cabelo. Somente após essa sequência de operações de limpeza é que poderia ser realizado o polimento final. Essa era a parte que mais me interessava no processo de limpeza do chão da nossa sala, pois para essa última tarefa entrava em cena a figura do talentoso Cuia Rural, um jovem rapaz magro que portava uma meia estatura e era o gay do nosso bairro. O Cuia vivia de prestar diversos serviços domésticos aos moradores da cidade, dentre esses o de encerar e passar escovão nas casas do nosso bairro.

O escovão tinha uma parte frontal feita em ferro fundido muito pesado, continha um longo cabo articulável de madeira que vinha acoplado à sua peça frontal. O escovão tinha em sua base uma espessa escova de piaçava, onde a minha mãe exigia que fosse colocado um grosso e peludo couro de carneiro branco. Essa combinação polia, com magistral precisão, os tacos de ipê recém-limpos e preparados com cera amarela da marca “Ingleza” que curiosamente era escrita com “z” mesmo. Para garantir o lustre brilhante dos tacos, a minha mãe me colocava como contrapeso, de cócoras por cima da parte frontal de ferro do escovão, onde eu me equilibrava segurando com as mãos o cabo de madeira que era guiado pelo Cuia. Eu me divertia muito com o escovão me levando, divertidamente, de um lado para outro da sala, como em um equilibrado dueto de balé.

Após a limpeza das sextas-feiras, vinha sempre colocada na nossa sala uma grande passarela de vários metros de comprimento. Ela era feita de um espesso emborrachado plástico, que nos servia de guia para nos dirigirmos até os quartos da casa, vez que essa passarela ligava uma das portas de entrada da casa até o corredor que nos levava aos nossos aposentos. Essa passarela somente seria retirada nos finais de semana, quando tínhamos visitas ou mesmo quando havia festa. O mais

fácil, muitas vezes, para evitar maiores problemas com a minha mãe, era entrar na casa pela porta de vidro lateral, que, seguindo o espaço da varanda, nos dava acesso a uma copa, localizada ao lado da cozinha, e dali para os quartos, banheiro ou mesmo para o quintal aos fundos da nossa casa.

O nosso bairro, por ser mais novo, tinha muitas construções em andamento ou mesmo obras interrompidas, o que sempre servia de abrigo para andarilhos e ciganos, com os quais convivíamos frequentemente saboreando suas histórias e experiências de vida. Certa vez, uma grande família nômade de ciganos se instalou em uma dessas casas e ali faziam seus produtos, como tachos, panelas e fruteiras de bronze, porta-joias de chifres de boi e diversos adornos em prata para animais, os quais eram vendidos no mercado local. Acredito que a minha mãe deva ter adquirido alguns desses objetos, das mãos desses ciganos, que colecionávamos em nossa casa.

### **Brinquedos e diversões *naif***

Dos brinquedos de infância me lembro de quase todos eles, pois, afora a bola de couro e o revólver de espoleta, os únicos à época industrializados, nós mesmos fazíamos os nossos próprios brinquedos. As latas vazias de sardinha da marca “Palmeira” eram transformadas em carrinhos puxados por meio de barbante, moldando a tampa superior aberta no formato da cabine do motorista. De igual forma, os velhos filtros de óleo, por nós chamados de rolôs, retirados dos automóveis e que apanhávamos nas oficinas do bairro e nos postos de combustíveis mais próximos, vinham emendados em sequência por arames entre seus orifícios centrais, e assim imitávamos as carretas que cortavam a estrada Rio–Bahia, que passava a apenas 10 km da nossa cidade.

Conduzir essas carretas imaginárias era para nós como dirigir um Scania Vabis ou um Caminhão FNM, com seus 22 pneus. Com as latas vazias de salsicha e outros metros de barbante, fazíamos o nosso telefone, com o qual nos comunicávamos do alto dos pés de frutas ou entre os muros de adobes das velhas construções da cidade. Brincávamos também com os ossos que sobravam do farto prato de rabada feito para o almoço do sábado, onde o desenho de cada módulo, depois de saboreada a sua carne, se assemelhava, conforme o ângulo de visão, às faces de animais a depender do tamanho de cada osso escolhido para brincar. Dessa forma, estava feita a nossa fazenda fictícia com bois, vacas, bezerros, ovelhas e carneiros de ossos de rabada.

Perto da nossa rua tinha o “Armazém Big Joia”, do Seu Luiz, que vendia de tudo que se podia imaginar entre secos e molhados, bebidas e utensílios diversos para casa e fazenda. Eu, já com meus 10 anos de idade, quando conseguia qualquer pouco dinheiro, corria apressadamente para o armazém do Seu Luiz para adquirir o que mais gostava naquela fase da vida. Chamava-se “caixinha de

surpresas” e consistia em uma pequena caixa lacrada através de dobras e colas, contendo sempre uma surpresa no seu interior. A caixinha custava o mesmo preço para qualquer objeto que ela pudesse conter, mas quando conseguíamos o que mais queríamos, dávamos gritos de alegria que eram emitidos ali mesmo, diante de todos os clientes do velho armazém, inclusive do proprietário Seu Luiz, que fazia questão de acompanhar a abertura das caixinhas para averiguar o que tinha vindo daquela vez.

As surpresas poderiam ser as mais diversas possíveis, desde uma bola de pingue-pongue, um chiclete da marca Ploc, um caramelo Embaré, um pirulito Zorro, e o melhor de todos: um soldadinho de chumbo que, na verdade, naquela época já era confeccionado em um rígido e escuro plástico verde-oliva. Esses soldadinhos mudavam de formato e posição corporal simulando uma batalha e, por isso, eram os nossos objetos de maior desejo dentro das caixinhas de surpresas. Quanto mais soldadinhos segurando as suas armas em poses e posições distintas, maior seria o nosso arsenal de combate em uma batalha campal organizada junto aos amigos de rua. Triste mesmo era a possibilidade de a caixinha estar vazia, esta hipótese fazia parte da brincadeira, e acho que ali é que consistia o lucro da empresa que inventou essa inteligente modalidade de negócio, pois de cada dez aquisições que fazíamos, cerca de quatro caixinhas estavam vazias, quatro com produtos efêmeros como balas e chicletes, uma caixinha com produtos menos valiosos como bolinhas de gude e similares e apenas uma com o soldadinho de chumbo feito em plástico rígido verde-oliva.

Às vezes o meu pai bebia com os seus amigos no “Armazém Big Joia” e poderia ocorrer que o troco ficasse anotado na nossa velha caderneta de compras com direito à uma caixinha de surpresas para Dijonzinho, que era como todos me chamavam. Eu torcia sempre para que o meu pai fosse beber com os amigos e que houvesse trocos na conta que iria para a aquisição das minhas caixinhas de surpresas. Interessante que no armazém do Seu Luiz também tinha outros atrativos, como o “sorvete seco”, que consistia na mesma casquinha convencional existente, porém, na parte superior, imitando o sorvete, estava uma massa rígida colorida que era feita de uma espécie de suspiro redondo muito doce e já bastante duro pelo tempo exposto na vitrine do armazém. Outra guloseima que ali se encontrava era a maria-mole, que era um doce também colorido e esponjoso, muito maleável e disforme. Tanto o “sorvete seco” como a maria-mole tinham como acabamento final várias bolinhas coloridas comestíveis em cores e tamanhos distintos, parecendo dezenas de confetes em miniaturas que completavam a estética e o sabor artificial desses sedutores doces infantis.

Uma interessante curiosidade que sempre me tirava muito a atenção, recaía sobre uma casa localizada na esquina oposta e na mesma rua do armazém do Seu Luiz. Ali morava uma família muito diferente das demais que habitavam o

nosso bairro. Sem nenhuma explicação plausível, todos os filhos do casal tinham nomes relacionados ao espaço ou ao ambiente celeste, dessa forma os meninos se chamavam “Luânio”, “Girânio”, “Espaçônio”, a menina, por sua vez, chamava-se “Arnuvem”. Sempre tivemos vontade de saber o motivo dos nomes que foram dados aos filhos, mas nunca soubemos dos reais motivos. Talvez isso tenha ocorrido pelo fato de seus pais gostarem muito de astronomia, ou talvez por querer homenagear o grande feito da Apollo 11, quando no final da década de 1960 os astronautas pisaram pela primeira vez na Lua. Recordo-me de que tomamos conhecimento dessa façanha pelo rádio, que transmitiu o grande feito pelos três heróis americanos Neil Armstrong (1930-2012), Buzz Aldrin e Michael Collins. Lembro-me de que na época a revista *O Cruzeiro* trouxe em uma de suas edições, ainda no ano de 1969, a réplica do módulo lunar em uma cartonagem grossa que recortei e montei com tesoura e cola. Guardei, por muito tempo, esse módulo lunar comigo como um verdadeiro tesouro pessoal.

Recordo-me também que ainda nessa época, o meu pai levava a mim e ao meu irmão mais velho para cortar o cabelo na barbearia do Manoelzito, onde o meu pai também cortava seus cabelos e fazia a barba. Lembro-me de uma espécie de tábua almofadada que era adicionada por cima dos braços da imponente cadeira giratória metálica em estofado azul, buscando, assim, completar a altura ideal para que o Seu Manoelzito pudesse cortar os nossos cabelos. O corte era conhecido como príncipe de Gales, que consistia em raspar toda a cabeça com uma também bonita máquina prateada adaptada com pente zero, que deixava apenas um topete na parte frontal da nossa cabeça, bem próximo da testa. Na barbearia do Seu Manoelzito tinha uma prateleira de vidro bizotado que era emoldurada com madeira em cor natural. Essa prateleira era repleta de frascos com talcos, gel, loções e perfumes que ele utilizava nos clientes e, logo acima dessa decorada prateleira havia em destaque um grande quadro com a foto dos jogadores do Cruzeiro campeão brasileiro no ano de 1966, quando o time ganhou de 6x2 do grande Santos, do Pelé. Assim nos recontava o orgulhoso barbeiro Manoelzito, com o rádio em um volume muito alto, sempre sintonizado em resenhas de futebol.

### **Fabuloso mundo lúdico, mítico e bufo**

Afora as minhas idas ao armazém do Seu Luiz, as minhas visitas preferenciais eram mesmo junto ao mercado municipal da cidade. Logo com meus 11 anos eu ia com meus amigos para saborear o famoso “doce prego”, que tratava-se de um combinado entre fatias de requeijão amarelo e “tijolo”, este era uma espécie de rapadura macia feita de mandioca ou mamão. O mercado da nossa cidade era dividido em duas partes, uma era coberta, na qual existia uma série de lojas que vendiam temperos, cachaças, cigarros, roupas, tecidos, calçados, arreios e celas, materiais de limpeza, objetos de armarinhos e toucador, higiene pessoal, perfumes

e relógios de corda e ainda vários açougues — logo na entrada se viam penduradas mantas de carne do sol, linguiças defumadas, carne de charque, caças proibidas e peixes secos já salgados.

Na parte descoberta do mercado municipal era onde se encontravam as cerâmicas artesanais, feitas pelas ceramistas que representam o universo fantasioso do Vale do Jequitinhonha. Sobre a região do Vale do Jequitinhonha, é importante salientar a forte carga expressiva presente nas cerâmicas e artefatos ali produzidos. Eles nos revelam as dificuldades e o cotidiano simples das suas próprias vidas, pois muitas das peças representam o abandono no qual muitos vivem e buscam traduzir uma esperança por dias melhores. A cerâmica do Vale do Jequitinhonha é, portanto, conforme cada peça realizada, uma rica manifestação popular em forma de figuração de seus ritos e costumes, de rostos, máscaras, noivas, bonecas e monstros imaginários, além da produção de simples utensílios domésticos, como moringas, jarras e fruteiras já prontas para uso. Dessa forma, muitas ceramistas reproduzem as várias cenas que representam o cotidiano de muitas pessoas simples que vivem na periferia da periferia brasileira.

As cerâmicas do Vale, em geral, apesar de serem uma tradição passada de pai para filho — ou, melhor dizendo, de mãe para filha, pois em sua maioria são mulheres —, são de uma contemporaneidade ímpar dentro do intelecto ativo e fascinante mundo dos artefatos artesanais, em que ainda existe a verdadeira marca da mão do homem no objeto e se vê espelhado um modo de ser e de agir de um povo, ou seja, destacam-se os atributos que configuram um comportamento ético e estético singular de um território local.

Ali mesmo, na parte descoberta do mercado, vendiam-se também animais vivos, como galinhas, patos, porcos, cabritos, carneiros e hortifrutigranjeiros, além de farinha de mandioca, beijus, biscoitos e comidas regionais, como buchada de vaca, feijão andu e miolos de boi frito. Eu, como criança encantada, observava todo esse mundo alegre e fantasioso, como um cenário cinematográfico de um filme do Federico Fellini (1920-1993). O mercado era, para mim, uma atração à parte, e realmente, como nas feiras medievais, era o centro onde ocorria de tudo na cidade. Inclusive faziam parte dessas cenas cotidianas personagens como mágicos e ilusionistas, apresentações musicais e de teatro, por cima de velhos caminhões improvisados em forma de palco. Também havia trapaças de caloteiros e golpistas muito inteligentes, atrações circenses e até pessoas que, criativamente, desafiavam umas às outras em troca de ganhar algo para os seus sustentos.

Nesse contexto, lembro-me do “homem do peixe-elétrico”, que repetidamente batia várias vezes com uma vareta redonda, retilínea e afunilada por cima de uma comprida caixa de madeira dizendo que ali dentro havia o “peixe-elétrico”, vindo das profundezas do Rio Amazonas. Por meio de um saliente microfone, preso em seu curto e forte pescoço, repercutia a sua voz em dois velhos alto-falantes

que, juntos aos chiados por eles próprios emitidos, deixavam a sua voz quase inaudível. Tudo isso para um grupo de curiosos sempre posicionado em círculo em torno da atração.

O homem, por vez, buscava, antes de mais nada, vender o seu produto, que era a “banha do peixe-elétrico” e assim gritava aos presentes: “Vou abrir agora esta caixa e quero ver quem tem a coragem de segurar nos fios ligados ao rabo e à cabeça do peixe”. Mas isso somente viria feito após ter-se esgotado todo o estoque dos pequenos frascos de vidro contendo a referida banha do peixe-elétrico, que, segundo o hábil vendedor, curava de tudo, desde enxaquecas, má digestão, dor de menstruação até coceira no couro cabeludo. Bastava untar parte da banha na barriga, testa, cabeça ou onde se encontrava o desconforto, para que o mal desaparecesse como em um rápido passe de mágica.

A “banha do peixe-elétrico” servia também para passar na barriga das mulheres grávidas antes do parto, no inchaço para os que sofriam de saco rendido, espinhela caída, doença de gota e bexiga frouxa, bem como para quem teve a desventura de ser acometido de uma doença chamada pré-*elefantíase*. Recordo-me muito bem, pois estava presente no momento quando o “pé de jaca”, como era conhecido devido a uma grande deformidade no seu tornozelo direito, que se assemelhava em tamanho e textura a uma grande jaca, comprou três frascos da “banha do peixe-elétrico” na esperança de ver o seu pé ser curado e voltar à normalidade como antes da doença. Estoque da banha exaurida, público dobrado posto em círculo, mais que alargado devido à aglomeração dos curiosos, chega a hora da abertura da caixa e do desafio maior de quem se dispusesse a enfrentar os poderes do peixe-elétrico, mas não sem antes deixar de aumentar o volume do velho equipamento de som que daquele momento em diante passou a reproduzir uma animada rumba cubana cheia de merengue e molejo.

O peixe-elétrico ficava acondicionado dentro de uma caixa comprida de madeira bastante escurecida pelo tempo e uso. Esta em muito se assemelhava a um desses caixões funerários de criança já mais crescidas e que morrem antes da hora no Vale do Jequitinhonha, por falta de vacina preventiva, desnutrição ou mesmo por afogamento. O interior da caixa era revestido em folha de flandres prata anodizada, dessas que utilizavam antigamente em revestimento de congelador de geladeira, mas que ali tinha a função de preservar a água no recipiente, além de mantê-la em temperatura amena para aliviar as longas viagens do peixe-elétrico que era originário das profundezas do Rio Amazonas. Fios devidamente inseridos no rabo e na cabeça do peixe-elétrico, chegou o esperado momento de provocar os moradores da cidade como candidatos a desafiar o bicho com seus poderes sobrenaturais, mas não sem antes exigir dos presentes que alargassem, por motivo de segurança, a roda por pelo menos 3 metros de distância da caixa, que se posicionava no centro das devidas atenções.

Para minha grande surpresa, dois candidatos se apresentaram e se inscreveram em busca de se tornarem heróis locais: o primeiro foi o “Toninho Preto”, que dava manutenção na Bomba Elétrica da nossa casa; o segundo “Seu Cristalino Carinhonha”, que era o eletricitista responsável pela usina elétrica da nossa cidade, aquela que se desligava sempre à meia-noite, e que também dividia com o Toninho Preto a função de consertar a nossa bomba d’água doméstica. O primeiro inscrito, Toninho Preto, foi desclassificado por se encontrar alcoolizado, segundo o homem do peixe-elétrico, se a pessoa tivesse bebido mais que meio litro de cachaça umas horas antes do desafio, entrava para o nível de cuidados especiais, pois o choque do peixe-elétrico em pessoas bêbadas teria efeito dobrado e poderia inclusive matar por parada cardíaca. Já nesse momento fiquei simpático ao homem do peixe-elétrico, primeiros pelos seus conhecimentos médicos, expressos com tanta convicção, e segundo pelo cuidado na execução de seu trabalho.

Para a alegria de todos os presentes, o senhor Cristalino, que foi o candidato classificado para o grande desafio, se posicionou diante do caixão do peixe-elétrico. Mas reparei que antes de iniciar a empreitada, ele fez o sinal da cruz com a mão direita e alisou, com a mão esquerda, o crucifixo preso em uma corrente de ouro no seu peito estufado e cabeludo, que se fazia em mostra através da abertura de uma camisa verde já bastante surrada. Ele se concentrou segurando primeiramente com a mão esquerda o cabo elétrico que se encontrava no rabo do peixe e, após a ordem do homem do peixe-elétrico, passou também a segurar com a mão direita a outra ponta do fio descascado que se encontrava preso na cabeça do peixe. Não se passaram mais que cinco segundos, em grande suspense e um silêncio sepulcral que parecia ocorrer somente no firmamento celestial, todos ouviram o grito de dor do Cristalino, que foi sacudido e jogado a pelo menos 2 metros de distância de onde se encontrava a caixa do peixe-elétrico.

Tudo isso para o delírio dos presentes, que aplaudiam com alegres sorrisos o espetáculo presenciado e, ao mesmo tempo, preocupados com o Seu Cristalino Carinhonha, que ainda se recuperava lentamente atordoado devido à força da descarga emitida pelo fabuloso peixe-elétrico. Acho que foi a partir dessa descoberta que passei a ser mais independente e não querer mais acompanhar a minha mãe nos últimos sábados de cada mês na padaria do Senhor Amaral para a tradicional feitura dos biscoitos com suas amigas e o padeiro Adão. Era para o mercado municipal que iam os filhos mais velhos das amigas da minha mãe, e eu sempre desconfiava haverem programas mais divertidos que o meu nos dias de sábado na minha pequena Pedra Azul.

Outra atração bastante concorrida, além das apresentações do mercado municipal, era um programa que democraticamente envolvia crianças de todas as idades, adolescentes, adultos, idosos, homens, mulheres, ricos, pobres, mancos, mendigos, negros e brancos de todas as nuances e matizes sociais, que era a “Festa

do Boi de Janeiro”. Ela ocorria durante os dias dos Reis Magos, entre o primeiro e o oitavo dia do mês de janeiro, de todos os anos na nossa cidade.

O boi de janeiro era um boi em tamanho real, construído com treliças de taquara, que eram utilizadas em balaios artesanais de transporte de mercadorias. O boi vinha revestido de tecidos de chita coloridos em diferentes motivos e cores, por cima desse tecido estampado, vinha colocado um adorno sanfonado perfurado que era confeccionado em papel de seda também em vivas e diversas cores. A cabeça do boi era real, feita de uma ossada já seca, onde salientavam-se dois olhos, que eram duas lâmpadas coloridas ali cuidadosamente encaixadas. A ponta do rabo também era real, presa em uma grossa tira comprida também revestida em chita colorida. Por debaixo do boi tinha um homem que, com a inclinação do seu corpo, levemente alçada ao alto, enxergava a rua e as pessoas por uma pequena fenda existente por debaixo da cabeça do boi. Por meio dessa fenda ele colocava um lenço branco para que as pessoas lhe dessem alguma doação em dinheiro. Atrás do boi seguia uma pequena banda com tambores, pandeiros, acordeom e muitos pífanos que entoavam belas canções folclóricas cujo ritmo fazia com que o boi dançasse animadamente, contagiando assim uma multidão em grande cortejo que também dançava e o seguia pelas ruas da cidade em festa.

Curioso era que os homens da bandinha cantavam portando uma pequena toalha sobre o ombro esquerdo e, com a mão direita tapavam um dos ouvidos para não destonarem e assim controlavam a afinação ao emitir os sons mais agudos. Mas a brincadeira do boi às vezes ganhava ares de terror e crueldade, pois o homem por debaixo bebia muita “cachaça gameleira” em cada parada que faziam para o cortejo benzer as casas e seus moradores. O homem do boi, já alterado por tanta cachaça ingerida, começa a correr atrás das crianças, que corajosamente insistiam em puxar o seu rabo ou bailar provocativamente à sua frente. Muitas vezes ele corria sem parar por quase dois quarteirões inteiros, pois, além de embriagado, ele implicava sempre com alguma criança mais abusada e incisiva. Interessante registrar que antes da saída do cortejo nas ruas da cidade, por tradição há mais de 100 anos, o boi de janeiro, com todo o seu reisado faz sempre a sua primeira apresentação na porta do cemitério municipal. Dizem que isso é para abençoar os mortos e agradecer pela vida naquele ano apenas iniciado.

O boi de janeiro do “Seu Preto Guarda”, este, curiosamente, só o víamos durante essa época do ano, pois ele era guarda-noturno e, portanto, sempre dormia durante o dia, exceto nesses sete dias de reisado. O boi do “Preto Guarda” era o mais bonito e enfeitado da folia e também o mais popular entre as crianças dentre os três existentes na cidade. O “Seu Preto Guarda” também inovou ao lançar a “boneca Maria Teresa”, de cerca de três metros e meio de altura, que logo ganhou o apelido de “mulher do boi”. A “Maria Teresa”, assim como o “boi de janeiro”, era também toda confeccionada em tiras de taquara de baliao e recoberta por um

imenso vestido de chita florido predominantemente nas cores verde, vermelho, rosa e azul. A sua cabeça portava uma volumosa e disforme cabeleira confeccionada em cordas de algodão tingidos em amarelo, os seus olhos abertos e salientes com cílios imensos que eram feitos de crina de cavalo e as sobancelhas em couro de coelho preto. As mãos da boneca Maria Teresa eram de luvas em couro cru, dessas utilizadas por pedreiros em construção civil e eram recheadas de areia de rio, o que as deixava muito fortes e pesadas. Essas mãos da boneca serviam como uma verdadeira arma de defesa para a Maria Teresa Boi, pois, ao girar o corpo repetidamente em torno de si, as mãos e braços da boneca se tornavam uma barreira protetiva que muitas vezes deixavam alguns meninos nocauteados no chão por certa bofetada na face do desavisado, e assim a festa ficava ainda mais alegre e divertida.

### **Escola formal e escola da vida**

O grupo escolar público no qual eu estudava ficava entre o nosso bairro das Paineiras e o mercado municipal. O grupo era um edifício em estilo *Art Déco* bastante estruturado com amplas salas para acomodar quarenta crianças em cada uma delas. Tinha uma espaçosa cantina onde serviam a merenda escolar, sempre gratuita. Havia também um grande pátio para recreação e o bloco dos escritórios para acomodação da direção e dos professores. Curioso que no fundo de cada uma das salas da nossa escola tinha um filtro de cerâmica e cada criança levava o seu copo, que não raras vezes era de alumínio. Esses copos, além de não quebrarem, nos davam a sensação de manter a água sempre fresca. Nos nossos cadernos de estudos, havia, nas quartas-capas, o hino nacional brasileiro, o hino da bandeira ou as poesias de autores e romancistas como Manuel Bandeira (1886-1968), Cecília Meireles (1901-1964), Olavo Bilac (1865-1918) e Castro Alves (1847-1871).

Eu gostava muito do lápis tabuada, algumas professoras não permitiam o seu uso na sala de aula, mas em casa eu podia utilizá-lo. Outra curiosidade da época era o lápis borracha, que, às vezes, com a força que impúnhamos no caderno, acabava por perfurá-lo. Algumas vezes apareciam outras novidades como um lápis borracha que era, literalmente, descascado ao puxarmos um fio existente na sua extremidade, perto da sua ponta de onde magicamente aparecia a borracha. Tinha também o estojo com uma tampa retrátil, que mudava o motivo do desenho existente quando o abríamos ou fechávamos. A merendeira era de plástico azul com uma garrafinha para suco confeccionada em plástico transparente e cuja tampa, também azul, era o próprio copo. Mas a merenda vinha sempre fornecida na própria escola a todos os alunos e o cardápio variava conforme os dias da semana. Lembro-me bem das quartas-feiras, quando era o dia de ser servido o “bolinho de sonho”, este era para mim a melhor merenda de todos os dias da semana e como eu não gostava da sopa de macarrão e do mingau de aveia, eu

trocava com os meus colegas as fichas relativas a essas merendas pelas fichas do delicioso “bolinho de sonho”.

A diretora, Dona Rosalina Magalhães, era de uma autoridade ímpar e bastava o barulho dos seus saltos de sapatos pelos corredores da escola, que era sempre um ambiente silencioso, para intuirmos que alguém estava em apuros. Os alunos que, por ventura, eram levados à sala da diretoria sabiam bem descrever o sentimento dos que passavam pelo purgatório antes de seguirem para o calor do inferno. Não raro, as penalidades de Dona Rosalina passavam pela leitura e arguição de grossos e complexos livros de história ou geografia, bem como sentar-se pelo resto do ano na primeira fila da sala de aula diante da professora e, quando o castigo era ainda maior, devíamos puxar o coro de todas as orações e dos hinos, duas vezes por dia, no pátio da escola.

Eu tive o desprazer de um dia ser convocado para ir até a sala da direção da Dona Rosalina, isso porque um colega de turma jogou o filtro de cerâmica no chão da sala, revestindo o limpo pavimento em dezenas e dezenas de pequenos cacos marrons, que foram distribuídos aleatoriamente por uma grande e dispersa poça d’água. Chegou aos ouvidos da professora Dona Mardén que eu tinha participado do evento e, apesar de não ser verdade, fui chamado para o sacrifício também. Mas, como em toda situação negativa, existe algo de positivo, quando estávamos na antessala da direção, presenciei um espetáculo da tecnologia que muito me enchia de curiosidades. Ali naquele espaço era onde ficava o “mimeógrafo Copiatic” da nossa escola, um sistema de reprodução mecânica de todos os nossos textos de leitura e de todas as provas que fazíamos durante o ano. Esse equipamento exalava um cheiro muito forte de álcool, e ao girar o eixo central por meio de uma manivela metálica com cabo em baquelite, as reproduções se repetiam no papel estêncil sob a matriz dos textos anteriormente datilografados pela bela “máquina Remington 22”, ali presente na antessala.

Dona Rosalina confirmou que a minha participação tinha sido somente por me encontrar perto do ocorrido, sem nenhum envolvimento com o fato. Mas, para manter a sua autoridade perante os demais alunos, e sabedora dos meus dotes em tocar tarol de fanfarra, me convocou para participar da banda da escola. Esse tornou-se, então, o meu doce castigo, pois além de ter que fazer uma atividade que me dava muito prazer, ainda ficaria bem perto da Jacqueline e da Cláudia, as belas balizas da nossa escola, que com suas varetas em mãos indicavam o percurso que a banda deveria seguir pelas ruas da cidade.

Em um dos sábados, fui com meus colegas do bairro das Paineiras para averiguar qual novidade havia naquele dia na Praça do Mercado. De longe já avistávamos uma grande multidão, em círculo, em torno a uma atração, dessa vez era um homem que vendia um produto macio e compacto de cor esverdeado-escuro, envolto em um brilhante papel celofane vermelho preso por uma redonda etiqueta

dourada. Esse produto, dizia o hábil vendedor, servia para curar caspa, chulé, coceira e irritação cutânea. De igual forma servia também para clarear os dentes e, de fato ele raspava, em uma convincente demonstração, a escova no produto, polindo a seguir seus dentes exageradamente amarelados, que após o bocejo em um improvisado copo de água, revelavam-se limpos e brilhantes.

Um dos meus amigos que não gostava muito de escovar os dentes viu no produto uma oportunidade de ficar bem com a sua mãe e adquiriu três tabletes da milagrosa poção, gastando, assim, seu parco dinheirinho que juntara para a esperada ida na matinê de domingo no Cine Teatro Izabel. Ao voltarmos para a sua casa e ansiosos para utilizar o remédio, o meu amigo abre o primeiro papel celofane e apanha em suas mãos o tablete, foi quando vimos escrito uma palavra incompleta onde se podia apenas ler “Sab”, ao abrirmos o segundo tablete outra palavra incompleta assim escrita “ão” e depois “Te”, quando aberto o terceiro tablete apareceu escrito “iú”. O que fez aguçar ainda mais a nossa curiosidade, foi quando em um grito uníssono disparamos: “sabão Teiú!” Isso mesmo, essa era a fórmula milagrosa do forasteiro em nossa cidade, o remédio não passava do velho e conhecido “sabão Teiú”, o mesmo utilizado em nossas casas para lavar roupas, panelas e demais utensílios de cozinha. O esperto vigarista recortava sequencialmente o sabão em pequenas barras fazendo vários tabletes pequenos, os envolvia em um atraente papel celofane e o resto ia por conta da lábria e retórica do profissional.

Voltamos correndo à praça do mercado e tomamos conhecimento que o vendedor já tinha acabado com todo o seu estoque do produto e tinha se dirigido à pensão Horizontina, que, à época, era de propriedade do pai de um dos nossos colegas do bairro das Paineiras. Chegamos rapidamente ao hotel e contamos tudo para o nosso colega, que nos levou até ao quarto do vigarista que estava justamente cortando mais barras do “sabão Teiú” e, cuidadosamente as embalando em papéis celofanes para ludibriar as suas próximas vítimas. O vendedor, assustado, nos devolveu o que pagamos e ainda nos deu mais dinheiro para não contarmos nada para ninguém, ele juntou rapidamente as suas coisas e pegou a estrada em sua velha Brasília de cor verde-abacate e foi dar o golpe em outras cidades vizinhas, vendendo remédio feito de sabão em barra da marca Teiú.

### **Entre ritos e mitos**

Durante a minha infância, a pior época para mim era, sem dúvidas, a Semana Santa, diria mesmo um verdadeiro pavor. Tudo isso porque, como antes dito, a nossa luz se apagava sempre à meia-noite, e todos os anos na Semana Santa era quando aparecia na cidade o temível “bicho da carneira”. Reza a lenda, que eu nunca tive a coragem de contestar, tratar-se da saga de um velho fazendeiro bastante conhecido na região, que era muito rico e de fartas posses, mas ao mesmo tempo muito malvado no trato com as pessoas que trabalhavam para ele e para

com toda a sua família. Inclusive era intolerante com a própria mãe, chegando ao limite de prepará-la com sela e arreio de animal e montar na pobre velha como se fosse um cavalo.

Esse senhor, quanto mais se passavam os tempos, seus cabelos e unhas iam crescendo de forma descomunal, sendo que se cortavam os cabelos e as unhas na parte da manhã, tudo já teria crescido na parte da tarde ou da noite. Por ocasião da sua morte, quando todos ainda se encontravam no pequeno cemitério da cidade, ocasião esta com muita chuva, relâmpagos e trovoadas, ouviu-se um grande e estridente rugido de um lobo. Foi quando a sua carneira, nome que se dava à época para as sepulturas no interior de Minas, se abriu ao meio e ele se levantou totalmente coberto de cabelos por todas as partes do corpo e desapareceu pelos fundos do cemitério no sentido à mata mais próxima. Desde então ele somente retorna à cidade durante os períodos da Semana Santa, inclusive para se alimentar com mesa grande e farta, devidamente preparada nos fundos dos quintais por seus parentes mais próximos. Estes, a cada ano deixam a mesa decorada e bem posta, com medo de possíveis represálias por parte do “bicho da carneira”.

Meu pai me contou que quando era rapaz, ele voltava com um amigo de uma festa quando a luz já havia se apagado. Foi quando o amigo avistou o “bicho da carneira” e resolveu por sua própria conta enfrentá-lo para uma inédita luta corporal. Como estava armado de uma grande e afiada peixeira, ele se atracou com o bicho pelo chão perfazendo vários furos em sua pança cabeluda com a grande e pontiaguda faca de cabo de osso, ao mesmo tempo que gritava sem transparecer nenhum medo: “Matei o bicho... matei o bicho...” Enquanto isso, o meu pai se encontrava trêmulo e sem voz agarrado na haste de um velho poste de madeira baraúna que sustentava um braço metálico acoplado a um refletor branco com uma lâmpada apagada. O amigo, vendo o desespero do meu pai, que não tinha forças nem para gritar, revelou sorridente se tratar apenas de um monte de areia deixado para alguma obra das vizinhanças. Brincadeiras à parte, eu nunca deixei de respeitar o temível “bicho da carneira”, e em épocas de Semana Santa, durante toda a minha infância, eu rezava sempre com fé e devoção as diversas orações que minha avó tinha me ensinado.

Eu também gostava muito dos circos, touradas e parques de diversões que frequentemente se faziam presentes durante os períodos de férias na nossa cidade, recordo-me, dentre eles, dos sofisticados “*Gran Bartholo Circus*” e do “*Orlando Orfei*”, mas o que eu mais gostava mesmo era o mais simples de todos, que era o “*Circo do Pipoquinha*”. Eu costumava acompanhar com extensa alegria todos os circos desde as montagens iniciais, vendo suspenderem as pesadas lonas coloridas, até a tristeza da desmontagem final, quando todos iam embora levando, junto às nossas alegrias, macacos, leões, elefantes, cavalos e as barulhentas motocicletas do globo da morte. O local onde os circos se instalavam era sempre o mesmo na

cidade, um grande e largo brejo gramado localizado em um bairro próximo ao nosso. Isso facilitava a minha função de fiscal voluntário de todo o processo de montagem e desmontagem das trupes circenses, que nos visitavam, pelo menos, duas vezes ao ano.

O “Circo do Pipoquinha” não tinha a estrutura dos demais, não tinha o inevitável globo da morte, nem mesmo pequenos animais ele tinha. Recordo-me de que a luminária central do circo era improvisada com uma velha bacia de metal, dessas que eram usadas para dar banho em bebês ou lavar roupas no interior. Nela vinham presas dezenas de grandes lâmpadas de filamento de carbono, fazendo, assim, a luminária. O circo também não tinha as redes de segurança para os trapezistas e, por isso, trazia mais emoções para o público presente. Aliás, pagar era o que eu e meus amigos nunca fazíamos no “Circo do Pipoquinha”, pois rodávamos por toda a cidade atrás do palhaço Pipoquinha em suas gigantes pernas de pau, repetindo ou respondendo sempre as suas frases e bordões feitos com um velho megafone vermelho. Tudo isso para no final ganharmos uma marca de piche em forma de cruz no pulso esquerdo, que era a nossa senha para entrarmos de graça no espetáculo daquela noite. O que o Pipoquinha não desconfiava é que tomávamos banho com o braço para fora do chuveiro por todos os dias da semana, para assim podermos entrar mais vezes no circo sem pagar.

Muitas vezes os circos eram palcos de espetáculos itinerantes para artistas que rodavam, em carreira solo, pelas cidades do interior. Lembro-me com perfeita precisão do dia em que chegou em nossa cidade a famosa “lutadora romana”. Uma mulher forte como jamais tinha visto na minha vida, ela viajava por todo o Brasil desafiando os homens das cidades para um combate de luta livre, aquela modalidade de luta que vale quase tudo. A lutadora romana vinha com um currículo de jamais ter perdido uma luta para nenhum homem no Brasil, o que lhe dava legitimidade e notoriedade de invencível lutadora. Não foi difícil o seu empresário convencer os donos do “Circo Orlando Orfei” a dedicar uma noite, em um final de semana, para o desafio da grande diva dos ringues brasileiros para lutar com qualquer desafiante da nossa cidade.

Não demorou muito para que o escolhido para nos representar fosse o Adão Cheque, assim conhecido por ter emitido vários cheques sem fundo no comércio local. Ele era o mais indicado, pois, além de ter cumprido todos os anos de exército em Governador Valadares, era também professor de educação física do ginásio, além de juiz de futebol no “Estádio Raul Ostiano”. Adão Cheque, para além das suas qualidades físicas, não bebia nem fumava, e era, portanto, muito superior às pretensões de uma mulher que nunca tinha enfrentado um desafiante com essas qualidades, era assim que todos nós pensávamos.

Anúncios feitos na cidade e região do entorno, carros de sons anunciando o grande evento, cartazes de lambe-lambes distribuídos por todos os muros da cidade,

o resultado não poderia ser outro: o circo estava superlotado naquele sábado à noite. Houve grande protesto de moradores das cidades vizinhas que chegaram para comprar os ingressos em cima da hora, mas eles se encontravam esgotados, contando com as cadeiras extras que foram colocadas ao redor do picadeiro onde fora instalado o ringue. Às 20h00 em ponto a pequena orquestra do “Circo Orlando Orfei” anuncia com música de suspense a entrada da “lutadora romana”.

Ela portava uma malha preta toda bordada em fios dourados, sendo o dorso coberto por uma imponente capa vermelha longa até o chão e onde se via escrito em alto relevo na cor branca “A Lutadora Romana”. Nos seus pés uma sandália de couro marrom com tiras trançadas até a panturrilha recobrando uma meia dourada que se reluzia em brilho. O barulho das vaias contrárias à “lutadora romana” ofuscava a música da orquestra, que tentava, em vão, aumentar o volume, buscando, assim, reduzir o constrangimento. Quando anunciado o grande representante local, o circo veio abaixo em um barulho ensurdecador e uníssono da plateia que gritava: “Adão Cheque! Adão Cheque!” Ele vestia um calção azul-marinho curto e uma camiseta marca Hering branca, além de tênis conga azul e meias também brancas até o joelho. Era exatamente o uniforme de educação física das nossas escolas, o que fez criar um maior sentimento de pertencimento, empatia e de afinidade entre o público presente e o desafiante.

Adão Cheque, como manda a tradição, faz três voltas com as mãos ao alto em volta do ringue, buscando, assim, agradecer a população pela presença e o apoio dos seus conterrâneos, mas não sem antes olhar friamente para a rival que estava sentada em um pequeno tamborete em um dos ângulos do tablado esperando pelo início do combate. Logo ao lado do ringue estava presente o Seu Wilson Torrão, que era auxiliar de enfermagem do posto de saúde da cidade. Ele carregava a sua maleta de couro contendo éter, mercúrio, compressa gaze e um rolo de esparadrapo para os primeiros socorros, caso isso fosse necessário. Próximo do ringue também estavam estrategicamente posicionados um tenente, dois cabos e três soldados para impedir a invasão do público e garantir a proteção dos lutadores. Segurança essa que parecia pouco provável diante da multidão de centenas de pessoas que se comprimiam nas velhas arquibancadas de madeira do Circo Orfei.

Averiguadas as vestimentas para a conferência da não existência de objetos cortantes por entre as roupas e calçados dos concorrentes, o início da grande luta foi anunciada pelo microfone do Senhor Orlando Orfei. Combate iniciado com previsão para três rounds de duração de quinze minutos cada um, a luta ia em pé de igualdade, sendo que os lutadores se atracavam e se afastavam, parecendo cada um querer conhecer a força e o potencial do seu adversário. Soado o primeiro gongo, que era justamente os dois pratos retirados da bateria da orquestra tocados pelo palhaço Linguíça, que também tinha a função de animar o ringue sob o olhar severo e de poucos amigos do Sargento Preto, que fora escolhido

como juiz neutro para o histórico combate. Os lutadores se dirigiram aos seus tamboretos, estrategicamente posicionados em lados opostos do tablado, onde tomavam água e enxugavam, com toalhas brancas cedidas pelo Hotel Primavera, o suor que insistia em correr pelos rostos, braços, pernas e costas.

Iniciado o segundo round, após as tradicionais preliminares de empurra-empurra de braços entre os adversários, a luta parecia estar em nível de igualdade quando surpreendentemente a lutadora romana se afasta dois passos para trás e eleva seu corpo saltando a uma meia altura com as pernas abertas em direção à cintura de Adão Cheque. Ela torce o seu corpo com exímia precisão para a direita, derrubando, assim, o adversário e ficando por cima do seu corpo. Então, com as duas mãos entrelaçadas no queixo do infeliz, puxa o seu pescoço para trás, impossibilitando até mesmo a mínima respiração, ao mesmo tempo que com as suas duas grossas e musculosas coxas em cruz, aperta o entorno da cintura do Adão Cheque dando nele, como se chama no jargão da luta livre, uma terrível e avassaladora chave de rins.

O Sargento Preto, juiz da disputa, vendo a gravidade da situação, se apressou em terminar logo a luta, diante de um absoluto silêncio que era quebrado somente pela ofegante respiração vinda das ventas e entranhas do Adão Cheque. Em pouco tempo, um público incrédulo e visivelmente desolado deixava cabisbaixo o ambiente fúnebre do Circo Orfei.

Mas a história não termina aqui, pois a cidade, se sentindo humilhada diante da derrota do Adão Cheque para uma mulher, reivindica rapidamente aos donos do circo e ao empresário da lutadora romana uma revanche, esta prevista para ocorrer no sábado seguinte. Acertaram todas as tratativas e o novo cachê da lutadora romana, agora bem maior que o anterior, na condição de vencedora. Também por exigência do seu empresário, a lutadora romana foi direcionada para a suíte principal do Hotel Primavera, que era o melhor da cidade, antes disso ela se encontrava hospedada na Pensão Horizontina.

A divulgação da próxima luta foi ainda maior, desta vez foram atendidos os pedidos de compras antecipadas dos ingressos por parte das cidades vizinhas. As vendas também foram controladas através do sistema de cotas, pois todo o público presente da cidade queria adquirir já no dia seguinte os ingressos disponíveis. Quanto ao Adão Cheque, tínhamos como certo ter sido apenas um acidente de percurso a derrota na luta anterior. Ele já se encontrava recuperado e fazia os seus preparativos todos os dias às 05h00 correndo pelas ruas da cidade, sendo por isso aplaudido e incentivado por todos os bairros e ruas por onde passava. Lembro-me de que todas as mesmas crianças que acompanhavam o palhaço Pipoquinha pelas ruas da cidade corriam com Adão Cheque na expectativa de dar-lhe moral e também pela honra de estarem próximos do grande atleta. Recordo-me de que o prefeito, excepcionalmente, assinou decreto, autorizando que a luz naquela

semana poderia ir até 01h00, tudo isso para que o Adão Cheque pudesse também treinar à noite.

Chegado o grande dia da revanche, quem da cidade não se encontrava dentro do circo se encontrava na parte de fora ouvindo os gritos da torcida e aguardando ansiosos pelo resultado. A luta seria a redenção de Adão Cheque e da própria cidade, que preparou uma festa pela grande vitória a ser comemorada no “restaurante Panelão” da cozinheira Ana “pixéu”, esse que é curiosamente o nome local dado para o órgão genital feminino. Nos preparativos, minuciosamente estudados para a festa da vitória, constava de Adão Cheque ser carregado nos braços pelo público até o restaurante Panelão, não sem antes ter passado na prefeitura, onde beijaria a bandeira da cidade hasteada em meio-pau propriamente para a ocasião. Luta anunciada com os mesmos ritos anteriores, onde a orquestra parecia ainda mais disposta e afinada, deu-se início o combate que mais pareceu por todo o primeiro round um grude de namorados, pois nenhum dava espaço para o outro ser derrubado. Adão Cheque tinha aprendido, a duras penas, que deixar espaço entre ele e a lutadora romana seria o seu fim e, como muito bem preparado que estava, resistiu também ao segundo round para o delírio de todos os presentes.

Iniciado o terceiro round anunciado com honras e pompas pelo Sr. Orlando Orfei, a batalha seguia indecisa, mas foi quando em uma distração de poucos segundos a lutadora romana deu uma rápida e precisa rasteira por entre as pernas de Adão Cheque, caindo com a lateral de seu pesado corpo por cima do peito dele e, em uma agilidade de relâmpago uniu os seus dois bagos junto ao saco escrotal, começando por espremê-los com a sua forte mão direita completamente fechada sem deixar sinais de folga ou de afrouxamento. Adão Cheque começou a berrar como um bezerro desmamado em um ambiente silenciado por um sentimento de dor que foi compartilhado por todos os presentes, especialmente pelos homens. De qualquer parte do circo se podia ouvir a respiração ofegante da lutadora romana, bem como o barulho seco das mãos de Adão Cheque que batiam desconexas e descoordenadas sobre a lona do tablado, enquanto a dor subia entre suas pernas, intestino, ventre e bexiga. O Sargentão Preto, juiz oficial da disputa, providenciou logo o término da luta, buscando poupar a vergonha e amenizar a dor de Adão Cheque. Ele foi auxiliado pelo enfermeiro Wilson Torrão, que versou todo o vidro de éter entre as suas pernas, buscando, assim, aliviar a dor, que todos nós sentimos também.

### **Criatividade e estética popular**

Nas ruas da nossa cidade havia diversos mendigos, deficientes e muitos doidos mansos. Muitos deles bastante corteses e que conviviam na cidade como parte do cenário e da cena social urbana, recordo-me de que eram também muito bem tratados e interagem socialmente com toda a comunidade local.

Tinha um que muito admirava, que era o “Seu Alvino Sureca”, ele era a pessoa mais *fashion* que tinha na nossa cidade. Seu Alvino andava de camisa social e terno completo, porém sendo que todas as peças de sua roupa vinham revestidas com brilhantes e coloridos papéis das diferentes embalagens de cigarros que cobriam do seu bastão de madeira à sua longa cartola, passando por toda a vestimenta do corpo. Curiosamente, ele morava em uma caverna na “Pedra da Rocinha”, uma das muitas e altas pedras que contornam a cidade e que em tempos remotos foram habitadas pelos índios Botocudos da etnia Maxacalis, que foram os primeiros habitantes daquelas terras. O Seu Alvino mantinha o curioso costume de colocar em frente da pedra, onde morava, cruzeiros brancos de madeira em homenagem a cada habitante que morria na cidade e, como eram dezenas de cruzeiros, elas eram sempre vistas de diferentes pontos da cidade.

A Maria Sequinha era uma antiga prostituta também muito *fashion* da cidade, que se apresentava com certo garbo e estilo próprio no vestir e andar. Ela era muito magra, utilizava sapatos em verniz brilhante de saltos muito altos que combinavam com suas eternas bolsas também em couro verniz em diversas cores primárias. Nos olhos, exibia um forte contorno de lápis creon, que contrastava com o exagerado rouge carmin e batons sempre em vermelho escarlante. Usava também uma peruca loura, que para demonstrar veracidade continha partes encaracoladas em sedosos cachos. Interessante que a Maria Sequinha saía pelas ruas sempre depois das 22h00 e voltava para casa já de madrugada, muito após as luzes dos velhos postes em baraúnas serem definitivamente apagadas. É curioso também que ela nunca temia o “bicho da carneira” e dizem que ele até mesmo a protegia pelas boas recordações do passado. Triste foi perceber que Maria Sequinha se tornara dependente do álcool e que no final de sua vida somente tinha como clientes os auxiliares dos caminhoneiros menos avisados que chegavam na cidade para descarregar as mercadorias para a estocagem dos armazéns.

Existia também o “mendigo professor”, que tinha aparecido há muitos anos na cidade e revelado que se tornara andarilho por motivo de uma forte desilusão amorosa. O “professorível”, como o chamávamos, vinha sempre desafiado por todos nós sobre questões de história, que era a sua área de domínio. Ele sempre nos encantava pelo conhecimento e acertos das suas respostas, mesmo sobre as mais difíceis que havíamos há pouco aprendido na escola. Como de fato era um andarilho, de quando em quando ele desaparecia e retornava à cidade em intervalos sempre imprecisos e intercalados. Diziam que ele assim agia para não ser encontrado pelos familiares em nenhum local fixo do país. Tudo isso parecia realmente verdade, pois ele sempre usava um bem cortado terno já bastante velho, mas que nos dava indicação sobre a boa origem que havia.

Assim como os circos, por lá apareciam sempre os parques de diversões, com seus balanços em forma de barcos, sombrinhas giratórias e um balanço especial

muito grande chamado de “Arca de Noé”, isto por comportar no seu interior dezenas de pessoas ao mesmo tempo. Esse balanço, pela força das muitas pessoas que puxavam as cordas presas nas suas travessas superiores, era o que ia mais alto entre todos os brinquedos do parque. O “Parque de Diversões Viña Del Mar” era o que ia com mais frequência à nossa cidade, eles diziam que vinham do Chile e devem ter andado muito para chegar até a nossa região, que fica na divisa de Minas com a Bahia.

Os parques também apresentavam muitos artistas itinerantes, que se exibiam para uma plateia sempre disponível. Recordo-me bem do “Claudius, o homem mais forte do mundo”, que era um artista nômade cuja origem parecia ser o leste europeu. Ele se apresentou ali mesmo em um dos finais de semana no “Parque de Diversões Viña Del Mar”. O Claudius era alto, louro e muito forte, andava com os braços sempre abertos, pois as suas asas, saliências musculosas abaixo dos ombros, eram tão grandes que não deixavam que os braços tocassem nas laterais do seu corpo. O Claudius usava um *short* de malha preta comprido até próximo ao joelho, sapatilhas pretas dessas utilizadas por trapezistas e, por nunca usar camisas, tinha como complemento para a sua indumentária dois largos elásticos, também pretos, nos dois punhos do braço.

Claudius se exibia ao público, inicialmente rasgando com as pontas dos dedos várias tampinhas de garrafas de refrigerantes e bandejas de metal de aço, dessas utilizadas pelos garçons em bares e restaurantes. Ele fazia isso com muita naturalidade, como se fossem finas folhas de papel almaço. Recordo-me de que um de seus grandes desafios foi deixar colocar por cima da sua barriga um bloco de granito de 15 centímetros de espessura e de mais ou menos 150 quilos para ser quebrado por uma marreta de ferro, por um dos presentes que se habilitasse. O indicado foi “João mão de marreta”, assim conhecido pelo poderio de seus socos nas brigas da “Rua do Cisco”, local onde se concentravam os bordéis da cidade.

Esse João Mão de Marreta também trabalhava com o ofício de quebrar pedras destinadas à construção civil nas pedreiras localizadas no entorno da cidade. Nessa hora, as atrações do parque ficavam vazias, pois a emoção do desafio posto por Claudius era bem maior que os brinquedos existentes. Com uma precisão cirúrgica e com a força de um experiente quebrador de pedras, “João mão de marreta” deu um só golpe bem no meio da pedra que se encontrava no centro da barriga de Claudius, fazendo com que ela virasse dezenas de outras pequenas britas que se esparramaram por terra. Após isso, Claudius se levantava limpando a sua barriga da pouca poeira que ainda restava da lembrança da forte aventura. Por fim, vinha calorosamente aplaudido pela vasta multidão que enchia com notas e moedas de cruzeiro uma maleta aberta e estrategicamente posicionada por cima de um tamborete de couro à sua frente.

Lembro-me bem do maior desafio até então empreendido por “Claudius o homem mais forte do mundo”, quando este se dispôs a colocar a sua vida realmente em risco. Nessa oportunidade, Claudius propôs que um veículo Jeep passasse as duas rodas laterais por cima da sua barriga. Para nós, o Jeep, junto com o imenso elefante do “Gran Bartholo Circus”, talvez fosse entre as coisas moventes mais pesadas próximas de nós e, portanto, tinha todo sentido o nosso medo e preocupação pela vida de Claudius. O motorista escolhido para o grande feito foi “Seu Jaime Coronel”, por ser ele um exímio e habilidoso motorista de caminhão.

O dia marcado para o evento foi, logicamente, um final de tarde de domingo, horário em que o parque não comportava mais nenhuma alma viva. Precisamente, às 19h30, deu-se início ao grande teste de vida ou morte de Claudius. Uma vez que desse errado, não teria como reparar o dano causado, qualquer incidente teria mesmo um destino fatal. O padre italiano Ângelo Barônio foi até o local para tentar remover Claudius da infeliz ideia, mas com o dissenso dele, continuou no parque já preparado, com o seu inseparável rosário, para realizar a extrema-unção. O prefeito local, que não perdia um evento popular, sabedor do risco que o desafio poderia apresentar, arrumou uma viagem de urgência para a sua fazenda que ficava a poucos quilômetros da cidade, pois caso algo desse errado com Claudius, poderia ser culpado pela oposição de no mínimo ter sido complacente, visto a iminência do perigo anunciado.

Tudo preparado para a exibição, Claudius deitou-se a mais ou menos três metros em frente do carro, sendo que seu tronco e cabeça ficaram para fora no sentido em que se encontrava o público, enquanto os seus membros inferiores ficaram localizados para dentro do carro. “Jaime Coronel”, com as bochechas visivelmente vermelhas pela tensão do momento, naquele dia por precaução nada tinha bebido, iniciava a sua rota em direção à barriga de Claudius. Com uma precisão de quem era acostumado a passar por pequenos mata-burros de madeira em estreitas estradas de terra, “Jaime Coronel” começa cuidadosamente subindo a primeira roda do Jeep sobre a barriga de Claudius, que concentrado como estava, somente se manifestou quando a segunda roda atravessou por todo o seu corpo, levando a multidão presente ao máximo de delírio e êxtase. Claudius, ainda sob o efeito da sua concentração e sem dizer uma palavra, se levanta com suas mãos apontando para o céu, sendo logo carregado nos braços pelo público presente pelas pequenas ruelas do Parque de Diversões Viña Del Mar. Tudo isso para o nosso alívio, como também para o padre Ângelo, que foi embora montado em sua velha lambreta com a batina ao vento como em comemoração pelo final feliz. Curiosa mesmo foi a chegada repentina do prefeito entre os populares para participar das comemorações com Claudius, ele se encontrava escondido vendo tudo por cima de uma laje na varanda da casa de um correligionário a poucos metros do parque, esperando somente o desfecho para tirar proveito da ocasião.

## Vivendo a idade média e os anos 1960

Além dos circos, existiam também as touradas, que ocorriam no mesmo formato, porém sem a existência da lona superior de cobertura. O mais famoso deles era o “Circo de Touros Joselito”, este viajava por todo o Brasil com sua trupe composta por vários toureiros, dentre eles um palhaço, e vários animais bravos, quase mesmo selvagens. Quando instalado na cidade, o circo sempre desafiava um animal existente na região, para demonstrar a capacidade de seus toureiros e também para trazer mais emoção aos seus eventos, que ocorriam sempre à noite.

Recordo-me de que existia um boi muito famoso na nossa cidade chamado Estrelinha, o “Boi Cabrito”. A sua fama de indomável correu fronteiras e chegou em todo o Nordeste brasileiro, sendo a sua saga cantada em prosa e versos por famosos repentistas, era daqueles bois que Guimarães Rosa (1908–1967) possivelmente diria que tinha parte com o “Cujo, o Capiroto ou Crespo”. Sabendo da fama do “boi Cabrito”, o Circo de Touros Joselito se propõe ao desafio de enfrentá-lo, mas teve de esperar mais de uma semana, de modo que seis experientes vaqueiros da “Fazenda Charqueada” conseguissem armar uma estratégia que foi o de ir tocando o boi pelo pasto por duas cercas paralelas que iam se afunilando até chegar a um corredor de madeira que levava à carroceria de um caminhão que recolheu o bicho.

Normalmente os dias de maiores movimentos nos circos de touros eram as sextas e sábados, pois esses eram os dias das feiras no mercado municipal, e nesses dias vinham para a cidade centenas de pequenos produtores rurais, vaqueiros e agregados que vendiam seus produtos no mercado. Essas pessoas ficavam por dois a três dias na cidade, o que aumentava, em muito, a população e os expectadores dos circos. Por toda uma semana foi exaustivamente anunciado o desafio do Circo de Touros Joselito ao boi Cabrito, isso se deu através de um carro de som que percorria a cidade, e no final de semana se intensificou dentro da feira do mercado municipal. Todos os ingressos foram logo vendidos e tinha ainda muita gente que passava por debaixo da lona da arquibancada, em busca de não perder esse grande momento, vez que vários outros circos que por ali passaram se recusaram a desafiar o boi Cabrito.

Chegado o grande dia, havia muitos aplausos e descontrações no circo, pois até aquele instante os toureiros conheciam bem os animais que se apresentavam e sabiam até mesmo a qual momento eles atacariam com seus grandes e finos chifres pontiagudos. O “toureiro Jararaca” era o mais experiente e corajoso de toda a trupe, ele sempre se vestia de preto com as laterais das calças em fitas douradas, portava uma camisa branca com as mangas até os cotovelos, onde se abriam em rendas em formato de sino. Por cima da camisa, portava um colete verde bordado em dourado, que lhe dava certa nobreza. A vestimenta era completada por um

lenço verde no pescoço e por uma capa vermelha às mãos que o auxiliava nos precisos movimentos.

O toureiro Jararaca tinha uma atração especial, que ele sempre reservava para o *gran finale* das suas apresentações. Tratava-se de um golpe que era aplicado quando o boi já estava bastante cansado. Assim ele se posicionava de joelhos diante do boi que o fixava raspando as patas dianteiras no chão, enquanto Jararaca sem a capa e sem nenhuma proteção levantava os seus braços para o alto. Neste momento, o touro, percebendo a fragilidade do toureiro, avança para o ataque com a cabeça abaixada em direção ao seu peito, a poucos instantes da chegada do touro, Jararaca fecha os seus braços rumo ao pescoço do boi, que o sacode para cima e para baixo até à exaustão. Ao se render pelo cansaço, o boi para no meio da arena parecendo, por fim, aliviado ao ver o toureiro soltar o seu pescoço para delírio da multidão presente.

Já se passava das 22h00 quando foi anunciada a grande e maior atração, que seria o desafio do boi Cabrito. Todos os toureiros, com muita cautela e em grupo, começaram a tourear o animal, que, para surpresa dos muito presentes, não era um touro gigante com chifres imensos. O boi Cabrito era de estatura média quase baixa, de uma cor amarronzada, às vezes tendendo para o amarelo e o ocre, tendo em sua testa uma pequena estrela preta que lhe justificava o primeiro nome de “Estrelinha”. Os seus chifres eram normais para a sua fama de impossível domagem, mas o segredo do boi Cabrito consistia primeiro na inteligência, que parecia haver em relação aos demais outros animais, e na sua descomunal força, concentrada toda ela nas pernas da frente, que logo emendavam com o peito e pescoço, formando um único bloco.

O confronto continuava com ampla vantagem para os toureiros, que sabiamente o provocavam por todos os lados, não dando, assim, chance ao boi Cabrito de se concentrar em um único toureiro. O tempo ia passando, o boi Cabrito ficando cansado e os toureiros ganhando cada vez mais confiança, foi quando houve um erro de cálculo do experiente Jararaca, que, passando a subestimar o boi, decidiu prematuramente por exhibir o seu espetacular número, buscando, assim, concluir a apresentação através do seu esperado *gran finale*. Jararaca se posiciona diante do boi Cabrito de joelhos no chão e levanta as suas mãos para o alto esperando, como sempre ocorria, o feroz ataque do bicho. O boi Cabrito mira o peito do toureiro e parte para cima de Jararaca, que com os braços ágeis, repete a sua infalível manobra, abraçando o pescoço do touro para o delírio do público. Mas, para a surpresa de todos, o boi Cabrito não sacode o corpo do toureiro Jararaca para cima e para baixo, como sempre faziam os demais touros, mas o direciona para um dos grossos pilares de madeira roliça de sustentação da arena, batendo suas costas contra o mourão por diversas vezes, indo e voltando para trás, buscando repetir como se soubesse conscientemente que realizava essa

manobra. O boi parecia mesmo saber que aquela sua ação esmagaria o peito do toureiro contra o mourão, isso pela força da sua testa de puro osso calcificado. O silêncio era descomunal, diante de um grupo de toureiros perplexos que não sabiam como reagir enquanto o toureiro Jararaca, completamente desfalecido, soltava vagarosamente, quase que em câmara lenta, o pescoço do boi Cabrito até o chão da arena. O toureiro Jararaca foi levado para o hospital da cidade, que era muito próximo do local onde o circo se encontrava, mas a notícia chegou naquela mesma noite de que ele tinha falecido ainda a caminho do atendimento médico. No hospital foi somente constatado o seu óbito, e dizem que antes de morrer ele murmurou: “Meu Deus, eu nunca vi nada igual, mas não matem o boi.”

Dentre as diversas atrações itinerantes que apareciam na nossa cidade, existiam também as que cumpriam o diferente rito de se apresentar em circos, parques e mercados. Lembro-me de curiosas atrações ocorridas em cima da carroceria de um velho caminhão estacionado no centro da cidade. Em uma delas, a multidão de curiosos se aglomerava esperando com ansiedade a apresentação de um anão que não tinha os membros superiores, mas que conseguia realizar com precisão todas as tarefas de uma pessoa normal, inclusive desafiava os presentes a fazer diversas tarefas domésticas com a mesma competência, destreza e agilidade que ele. Para tanto, os assistentes colocaram um alvo redondo na parte posterior da boleia do caminhão onde o anão, sem os membros superiores, atirava com extrema precisão com os dedos dos pés, acertando sempre o minúsculo círculo vermelho no centro do alvo. Para esse desafio, subiu ao palco do caminhão o “Adalgiso Pimentão”, assim chamado por causa da grande saliência do seu nariz. Ele era um exímio caçador de codornas, mas para a decepção dos conterrâneos presentes na praça, ele não conseguiu nenhum tiro na mosca contra todos os acertos do anão que atirava com os pés, sem a necessidade de fazer qualquer adaptação na espingarda de chumbinho de pressão.

Outro desafio proposto pelo anão sem os braços, foi o de buscar inserir, em tempo recorde, uma fina linha no pequeno orifício de uma pequena agulha. Para essa atração, subiu ao palco “Irene, a costureira do rei”, assim conhecida por dizer já ter consertado a camisa de Roberto Carlos que fora rasgada pelas fãs em um show no Cine Teatro Izabel quando ainda do início da sua carreira. Mas também a costureira, como o desafiante anterior, não conseguiu acompanhar a rapidez e precisão do anão, que apesar de não ter braços, fez tudo muito mais agilmente somente com os dedos dos pés.

Após várias derrotas de muitos desafiantes da cidade ali presentes, renasceu a nossa última esperança da noite através da “Ana pixéu”, cozinheira do “restaurante Panelão”, que foi desafiada a quebrar cinco ovos e fazer uma omelete no pequeno fogareiro a gás de duas bocas, antes do anão. Mas, para nossa derradeira decepção e risos do grande público, enquanto Ana Pixéu quebrava o quinto ovo da série,

o anão sem braços já estava sendo aplaudido por oferecer omelete ao primeiro da fila de curiosos, diante do velho caminhão de boleia azul.

### **Muito além do cinema**

Uma das maiores atrações da nossa cidade era, por unanimidade, o Cine Teatro Izabel, que ficava na mesma praça ao lado do mercado municipal. Por ali também passavam trupes de teatros e de shows musicais, mas era o cinema que acolhia o público mais constante, promovendo filas que não raro contornavam todo o quarteirão do Hotel Primavera, onde ambos se localizavam. O Cine Izabel apresentava sessões noturnas de filmes e uma matinê aos domingos, destinada somente às crianças; às quartas, sextas e sábados tinha também as sessões das 22h00, que eram destinadas a filmes ditos para adultos. Recordo-me de um filme onde se via escrito na divulgação que era proibido para menores de 21 anos. Parecia ser muito difícil determinar se um filme era proibido para menores de 18 ou de 21 anos de idade e, quando a dúvida persistia, era acionado o padre da cidade, que auxiliava na definição final.

Diziam também que os meninos de 18 anos não gostavam que consultassem o padre, pois ele sempre subia a idade mínima do filme de 18 para 21 anos. Um show à parte eram os cartazes móveis desenhados pelo “Guilhermino pintor” em busca de divulgar os filmes do Cine Izabel. Esses cartazes, que tinham um suporte de madeira, eram espalhados pela cidade contendo frases em tipos e letras serifadas ladeadas de fotografias de partes marcantes de cenas do filme. Os cartazes chamavam a atenção para os títulos dos filmes que seriam apresentados e, principalmente, pelo nome dos atores e atrizes mundialmente famosos. Um momento importante no Cine Izabel, era quando todos aguardavam o início da sessão, nessa hora uma grossa cortina de veludo vermelho se abria logo após o toque de três sinais sonoros anunciando a sessão. O público presente aplaudia a abertura da cortina vermelha, enquanto a luz ia se apagando lentamente dando início ao esperado espetáculo, que era sempre precedido das notícias do Canal 100 e de trailers de outros filmes a serem exibidos futuramente.

Outro momento memorável, antes do início do filme, era quando a grande ave da *Condor Films*, que se encontrava pousada na ponta de uma alta colina, move a sua cabeça em direção ao público. Nesse instante todos os presentes faziam um barulho uníssono, como se estivessem tocando a ave da colina, e esta, após ser espantada pelo público, começava a levantar voo. Essa cena se repetia todos os dias, em todas as sessões do cinema, e as pessoas se divertiam muito, mesmo sabendo que sem espantar a ave ela voaria da mesma maneira para depois aparecer escrito em grandes letras serifadas que formava a logomarca da produtora americana *Condor Films*.

O Cine Izabel tinha um lado misterioso, tratava-se da galeria superior que era o local destinado às prostitutas. Isso porque os maridos com suas esposas, no mesmo local onde se encontravam as suas amantes, poderiam ter um grande problema a ser gerido. Esse local foi batizado pelos moradores da cidade de “galinheiro”, onde se tinha acesso igualmente pelo *hall* principal do cinema, por meio de uma escada que levava diretamente até o balcão. Curioso que esse era também o local com o melhor ângulo de visão dentro do cinema. O galinheiro, além das prostitutas, era frequentado também por malandros e boêmios da cidade. Nele era permitido o acesso somente para os maiores de 18 anos de idade. Lembro-me de que várias vezes fazíamos contorcionismo com as cabeças voltadas para cima, buscando o melhor ângulo de visão para ver as prostitutas no galinheiro.

A condução das projeções dos filmes era feita pelo “Pedrinho coxé”, assim denominado pelo andar manco fruto de uma poliomielite de infância. A transmissão do filme ocorria por meio de dois grandes projetores com seus canhões que apontavam para a imensa tela branca através de duas pequenas aberturas na parede da sala de projeção localizada acima do balcão. A grande atração do Cine Izabel, além dos filmes épicos e dos faroestes americanos, era a existência de um comentarista ao vivo durante as sessões. “Orlando bilheteiro”, assim conhecido por durante o dia vender bilhetes de loteria pelas ruas da cidade, era o comentarista oficial nas noites de nosso cinema. De maneira estratégica, ele assistia aos filmes por várias vezes, escolhendo com cuidado cenas nas quais poderia intervir e interagir com os atores em uma perfeita e espetacular sincronia entre ele e as cenas dos filmes.

Certa vez, lembro-me bem, o bandido estava forçosamente beijando a mulher do mocinho, que se encontrava indefeso com as mãos atadas para trás, assistindo a tudo sem poder defendê-la. Mas, de repente, o artista começa a afrouxar as cordas, que amarravam as suas mãos, sem que o bandido pudesse perceber. Nesse momento entra em cena o comentarista do Cine Izabel que, em voz firme e tom cadenciado, fala para o bandido, perante uma plateia silenciosa: “Beija... beija, meu filho, pois este será o seu último beijo.” Fato é que, como em um passe de mágica, o artista consegue se desvencilhar da grossa corda que atava as suas mãos, e apanhando o seu revólver, atira com precisão contra o bandido, que se queda morto pelo chão. Enquanto isso, a câmera mostra a moça correndo diretamente para os braços do mocinho, que a recebe. Em concomitância e em real sincronia com a cena, o público presente no Cine Izabel gargalha e bate palmas para o artista e para o comentarista do cinema, que antecipa o desfecho final para uma plateia que se encontrava tensa e comovida.

Em outra memorável cena, no final de um clássico faroeste americano, o ator John Wayne (1907-1979) galopava com seu cavalo em um desértico e profundo desfiladeiro, quando de repente, para surpresa de todos os presentes, o nosso

comentarista grita lá de cima do galinheiro: “Olá, John, você não vai despedir do seu amigo aqui?” Na sequência da cena, aparece o ator parando bruscamente o seu cavalo, se voltando para o público com um largo e charmoso sorriso dando adeus com a sua mão direita alçada verso ao alto, deixando todos perplexos como Orlando bilheteiro era tão íntimo do ator John Wayne.

Pedrinho coxé também era vítima dos comentários do nosso locutor, pois não era raro que a fita dos filmes se partisse, fazendo com que a sessão fosse interrompida por alguns minutos para os devidos ajustes a serem feitos. Ocorre que para a rapidez da solução do problema, o coxé utilizava pedaços de outros filmes que eram cortados agilmente na bobina com uma afiada tesoura e os emendava com uma fita adesiva transparente. Quase sempre as partes emendadas não tinham nenhuma conexão com a sequência do filme em exibição, fato esse que causava verdadeira ira na plateia, que se voltava em direção à sala de projeção, por cima do galinheiro, para xingar a mãe do Pedrinho coxé. Esses ocorridos eram aproveitados e valorizados pelo locutor, que completava: “Calma pessoal, o John Wayne foi somente a Paris para conhecer o *Moulin Rouge* e volta logo para o velho Oeste”.

### **Ingenuidade política**

Era o início da década de 1970 e para mim já era normal conviver com a rigidez disciplinar imposta pela diretora escolar. No entanto, comecei a perceber que algo a mais tinha se modificado na rotina da nossa escola, pois além do tradicional hino nacional brasileiro e o hino da nossa cidade, que entoávamos diariamente antes das aulas no pátio da escola, começamos a entoar também o hino da bandeira, da marinha e do exército brasileiro, rito este que sempre precedia as tradicionais orações do Pai-Nosso e da Ave-Maria. Começamos também a ter a difícil tarefa de decorar o nome completo do presidente, do vice e de todos os ministros que compunham o governo militar da época.

Nessa época nós tínhamos um pequeno time de futebol no bairro das Paineiras, que era muito temido pelos adversários dos bairros vizinhos. Lembro-me de que somente o time da Rua dos Timbiras e o da Rua da Biquinha eram os que faziam frente ao nosso time das Paineiras, cujos embates promoviam verdadeiros clássicos quando se confrontavam. Os jogos eram normalmente realizados em uma das ruas de terra do nosso bairro ou dos adversários, e para não serem confundidos, um time jogava com camisas e o outro sem camisas. As traves dos gols eram duas pedras de paralelepípedos cobertas pelas camisas do time que as retiravam, e não raro muito dos atletas jogavam descalços.

Para a nossa surpresa, justamente no dia da disputa que fazíamos no campo do time da Rua dos Timbiras, apareceu de repente um fusca de cor café com leite conduzido pelo sargento Preto, o mesmo que fora juiz na luta de Adão Cheque contra a lutadora romana. Ele interrompe o nosso jogo para desespero

e medo de todos nós, pois o sargento Preto levou no seu fusca a nossa bola e dois adolescentes maiores que foram presos como exemplo para que os jogos de futebol não fossem mais praticados nas ruas. O sargento Preto levou tão a sério as regras da ditadura militar sobre a proibição de aglomeração de pessoas, que para ele o nosso jogo de futebol infantil era uma ameaça ao governo, que tinha estabelecido estado de sítio. Após esse dia, as nossas partidas de futebol passaram a ser clandestinas e até mais emocionantes, pois eram sempre interrompidas quando ouvíamos o barulho de um fusca que aparecia no início da rua, mas várias vezes era somente o carro de um dos moradores vizinhos.

Mais cruel ainda foi a chegada de um policial de alcunha “bigodão”, isso por ostentar um grosso e imponente bigode que cobria seu rosto de face a face, e também a irônica nomeação, pelo juiz da comarca, do detetive chamado “barbinha” como comissário de menores. Essa dupla, por ter ascendido rapidamente ao poder, proibiu, possivelmente por ordem do juiz e do delegado da cidade, todas as crianças de irem em espetáculos noturnos, como circos, touradas, parques de diversões, cinema e apresentações públicas em ruas e praças que ocorressem depois das 20h00, mesmo estando acompanhados pelos pais. Foi dessa forma, que comecei a tomar consciência do que representava o regime militar instaurado no Brasil.

O governo militar, buscando realizações que pudessem trazer legitimidade para a revolução de 1964, passa a inaugurar grandes obras pelo Brasil e, no caso de Minas, foi levada energia elétrica para o Vale do Jequitinhonha. Isso devido ao fato de ainda no início da década de 1970 a nossa região ser conhecida como “O Vale da Escuridão”. Com esse feito, a nossa geladeira deixou de ser a querosene, o chuveiro passou a ser elétrico e os candeeiros e Aladins que iluminavam a nossa casa após a meia-noite aumentaram a coleção de antiguidades da minha mãe na sala de estar da nossa casa. Com o tardio advento da luz elétrica, deu-se início aos primeiros passos para a instalação da televisão na nossa cidade, e recordo-me de que os primeiros programas assistíamos a todos, ao anoitecer, na praça em frente ao mercado municipal por um aparelho que exibia uma imagem em preto e branco, com muitos chusciscos e chiados, da novela *Simplesmente Maria*, da TV Tupi. As vezes também passavam ingênuos programas humorísticos como *Café sem Concerto* e *Balança mas não Cai*, este último da Rede Globo. Esse aparelho de TV, ao final de cada exibição na praça, era trancado em uma caixa de madeira com telhas que o protegiam das intempéries como vento, sol e chuva.

Tão logo passado o período dos testes e ajustes aferidos na repetidora local, a televisão foi liberada para ser instalada nas casas da cidade e me recordo de que a nossa casa foi uma das primeiras a chegar a televisão no bairro das Paineiras. Lembro-me bem de que era um pequeno aparelho em preto e branco da marca “General Electric Escort”. Ela tinha um corpo em cor cinza escuro e sua parte frontal era toda em preto, por esse motivo foi dado ao modelo o nome de “Máscara

Negra GE”. Antes de ter a nossa televisão, eu também assistia aos programas em uma casa de vizinhos, onde se tinha um televisor Telefunken modelo móvel pé palito, recordo-me do cheiro dessa televisão, que deixava todo o ambiente com um aroma que lembrava um misto de madeira encerada com termoplástico novo.

Após a aquisição do nosso aparelho, os meus amigos do bairro passaram a assistir aos programas conosco, o que me dava muito prazer, pois já não podíamos mais ficar soltos na rua, vide o perigo para as crianças representado pela trinca militar composta pelo sargento Preto, o policial Bigodão e o comissário Barbinha. Mais tarde, o meu pai adquiriu também uma televisão grande da marca SEMP, mas essa já era um pouco mais moderna, pois não tinha aqueles pés palitos como se fosse um móvel, ela foi colocada por cima de uma pequena mesa antiga que existia na antessala da nossa casa. Interessante que ao lado da mesa antiga com a televisão nova, ficava uma outra peça da coleção da minha mãe, que era a roda de fiar, um velho processador de fios por meio do algodão cru que contrastava, em muito, com a modernidade plástica da nova televisão. Recordo-me também de um curioso artefato que à época era vendido pelos viajantes que passavam pelos interiores oferecendo novidades em acessórios para uso em televisão. Eles vendiam capas plásticas protetoras e um produto muito interessante que meus pais logo compraram. Tratava-se de uma película rígida transparente dividida em faixas horizontais nas três cores primárias, vermelho, azul e amarelo, que se somavam ao verde.

Ao ligar a televisão, a luminosidade da imagem em preto e branco atravessava essa película colorida que vinha colocada na parte frontal da televisão por pequenas molas com garras metálicas, proporcionando, por fim, um colorido bastante disforme e impreciso. Dessa maneira, eu assisti à primeira imagem mais ou menos em cores em uma televisão. A verdadeira imagem colorida eu vim a assistir somente quando fui visitar os meus caros primos Claudionor e Zilnora, filhos do “tio Nozinho” e tia Zilda irmão do meu pai, e os vários primos filhos do “tio Senhor” e tia Clarita, irmão da minha mãe, que eram nossos parentes que viviam na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia. Ali eu vi, pela primeira vez, nas vitrines das lojas de eletrodomésticos da cidade, várias televisões coloridas ligadas ao mesmo tempo, buscando, assim, atrair o consumidor. Outro grande advento proporcionado pela chegada da luz elétrica na nossa cidade foi a inauguração da tardiamente chamada “Padaria e Confeitaria Moderna”, que foi construída por uma família de imigrantes espanhóis que veio procurar melhores oportunidades no Brasil. A padaria do Seu Facundo Hernandez, além de diversos tipos de pães, bolos e biscoitos, proporcionou-nos, pela primeira vez, sorvetes convencionais em casquinha, como os existentes em qualquer cidade a qualquer hora do dia, bem como picolés de diversos sabores que passaram também a ser vendidos por ambulantes em caixas térmicas de isopor pelas ruas da cidade.

### **Início da consciência social**

Alguns dos meus amigos do campinho de futebol das Paineiras também começaram a vender picolés pelas ruas da cidade, para a padaria Moderna, fato esse que causou desfalque no nosso imbatível time e me fez perceber mais claramente a questão da diferença social existente em uma região tão carente como a que tinha nascido. O Vale do Jequitinhonha, onde se localiza Pedra Azul, pode bem ser definido como uma porção do Nordeste brasileiro em solo mineiro, tendo inclusive recebido clima e vegetação bastante similares aos do sul da Bahia. Pedra Azul também recebeu a influência da culinária, tradições festivas e da cultura popular do Nordeste brasileiro, além, é claro, do forte sotaque e dos exagerados gestos ao falar.

Mas a consciência social realmente aflora em mim quando em uma das tardes muito quentes, bastante comum naquela região em que o Sol já se abre de forma ardente, como de costume, passavam sempre por nossa rua muitos mendigos que pediam água e algo como esmola. Foi em uma dessas tardes de forte Sol que apanhei água e um pouco de farinha na dispensa da nossa casa para o próximo mendicante que, para o meu grande espanto, se tratava da avó de um dos meus colegas do campinho de futebol. Eu, perplexo, não conseguia entender por que ela teria virado mendicante, sendo que, muitas vezes, ali no mesmo bairro, bem pertinho do nosso campinho de futebol, em um simples, mas acolhedor, barracão, ela nos servia água após as nossas partidas de futebol. Lembro-me de que no momento ela portava, talvez como forma de disfarce, um desses lenços brancos de retirante amarrado na cabeça até abaixo do queixo. Ela olhou para mim, com seus olhos claros, e apenas timidamente sorriu agradecida, seguindo em direção à próxima casa. Lembro-me de que levava nos ombros várias sacolas em tecido de algodão cru, como suporte para a sua peregrinação. Essa imagem eu ainda tenho nítida na minha memória, como se tivesse recentemente ocorrido.

Outro fato muito marcante por mim vivenciado na infância aconteceu quando eu frequentava o quarto ano primário e a professora organizou uma festa de amigo oculto de fim de ano entre todos da classe. Eu me lembro de que no sorteio eu saí com a minha professora e a minha mãe providenciou que eu levasse para ela um vidro de perfume Água de Colônia, em uma bonita embalagem com fitas coloridas. Da minha parte, para minha surpresa, recebi da minha colega de sala um sabonete usado dentro de uma embalagem já desfeita e aberta. Esse fato eu não revelei para nenhum colega da minha escola, nem na minha casa, guardei isso como um segredo privado até os dias atuais. A minha amiga oculta era a menina mais carente dentre os nossos colegas de sala e eu imaginei o quão difícil foi para ela providenciar uma lembrança para o seu amigo oculto.

Aos 12 anos de idade comecei a frequentar com meus amigos o novo clube inaugurado na cidade, que era localizado fora do perímetro urbano, e que por isso

se chamava “Pedra Azul Country Clube”. Essa foi uma ação pioneira dos moradores locais, que em consórcio associativo criaram um clube onde antigamente se localizava o sítio de um famoso médico e cientista pioneiro no tratamento da esquistossomose no Brasil. O clube tinha muitos pomares com conhecidas árvores frutíferas e diferentes outras advindas dos exóticos experimentos do curioso Dr. Portela. Este médico realizava enxertos entre distintas mudas de plantas, procurando conseguir aromas e sabores nem sempre doces e agradáveis. O clube, para mim, foi também um triste motivo para entender na prática o que era uma segregação social, pois a maioria dos meus amigos do nosso time de futebol das Paineiras não poderia frequentá-lo por não serem associados. O PACC passou a ser o meu destino como diversão nos finais de semana, assim pela primeira vez pude conhecer uma piscina, dessas de verdade, com dimensões pretensiosamente olímpicas, utilizavam cloro para preparar a água e grandes varas com redes circulares nas extremidades para a sua limpeza. Muitas vezes, era comum encontrar aranhas e cobras mortas nas piscinas do clube, vez que ele era campestre e as piscinas eram descobertas e sem proteções laterais.

Foi nesse clube que junto a amigos, que eram sempre irmãos mais novos dos amigos dos meus irmãos mais velhos, criamos um bloco de carnaval chamado “Equipe Zero”, isso porque éramos ainda pré-adolescentes e imitávamos os nossos irmãos, que já tinham seus blocos de carnaval que disputavam entre si os carnavais da cidade. Com a Equipe Zero, foi o ápice da nossa vingança aos amedrontadores de crianças da cidade, o policial Bigodão e o comissário Barbinha. Eles também estavam presentes no baile de carnaval para averiguar se tinha algum menor desacompanhado dos pais ou mesmo ingerindo bebidas alcoólicas, quiçá cheirando o disputado lança-perfume da marca “Universitária”, proveniente da argentina. Foi dessa vez que criamos de forma provocativa camisetas brancas pintadas com um grande bigode e uma pequena barbicha. A entrada da Equipe Zero no salão de festas foi triunfal, onde dezenas de adolescentes portavam camisetas brancas com bigode e barbicha, sem nenhum sinal de medo dos policiais Bigodão e Barbinha, que a tudo assistiam incrédulos.

O estádio Raul Ostiano era o templo maior do futebol da nossa cidade, ali conheci pessoalmente os meus primeiros ídolos do futebol. O goleiro Gusta do time do DERPA era uma grande atração, ele se vestia nos dias de jogos com uniforme todo preto, portando luvas e uma faixa elástica, igualmente preta, na cabeça. O goleiro Gusta tinha uma técnica que sempre repetia e que em muito irritava os seus adversários, que consistia em sempre que realizava uma defesa, passar agilmente a bola por detrás do seu corpo, fazendo com que ela retornasse ao ponto inicial próximo da barriga.

Tudo isso para delírio da torcida, que gritava o seu nome por cima de uma arquibancada posicionada linearmente em uma das laterais do campo. Essa ar-

quibancada era dividida em três níveis distintos: em pé, onde o preço era mais barato; sentados na parte descoberta, com preço intermediário; e sentados na parte coberta, que era o local mais caro e que somente era frequentado por nós por ocasião dos treinos gratuitos que ocorriam no meio da semana. Era também na arquibancada coberta que ficava a charanga que tocava fortemente quando o nosso time atacava e que rapidamente parava de tocar quando o adversário visitante passava ao ataque. A escalação do time do DERPA era uma atração à parte, pois, além do Gusta no gol, a defesa era composta por uma verdadeira sopa de legumes com Macarrão, Tomate, Cebolão e Batatinha.

Lembro-me bem da decisão do campeonato regional de 1974 entre o DERPA e o time do Esparta da cidade vizinha de Medina. Pelo fato de a decisão ser no estádio Raul Ostiano de Pedra Azul, o time rival exigiu que o juiz da decisão fosse uma pessoa neutra, nem de Medina, nem de Pedra Azul. Dessa forma, foram buscar o “juiz Vela Branca” na cidade baiana de Vitória da Conquista para apitar essa grande final. Como dita o regulamento esportivo, visando à imparcialidade, Vela Branca somente chegou à cidade na manhã de domingo no mesmo dia da partida, que ocorreria às 17h00.

O estádio Raul Ostiano estava completamente repleto, sendo necessário que a prefeitura local providenciasse uma ampliação da arquibancada em uma estrutura de madeira que foi improvisada para alocar, com segurança, a torcida da cidade de Medina, que veio apoiar a sua esquadra no grande desafio de enfrentar o DERPA na grande final do campeonato regional. Mas o que todos não previam era a performance do juiz Vela Branca, que roubou toda a cena do espetáculo pelo seu jeito diferente e especial de conduzir uma partida de futebol, uma coisa jamais vista por aquelas bandas nos torneios locais e regionais. Vela Branca, a cada infração do jogo, fazia gestos com as pernas e com os braços de dar inveja a Michael Jackson (1958-2009) no auge da sua carreira artística, tudo isso para o delírio de ambas as torcidas, que o aplaudiam em cada nova performance efetuada.

Por exemplo, para apitar um simples início de partida, Vela Branca movimentava os pés e as mãos para frente e para trás de maneira alternada, estufava o peito para frente, abaixava a cabeça girando seu corpo para a esquerda e para a direita, dava três pequenos pulos com os braços ao alto para, somente depois, arrastar seus pés consecutivamente sincronizados ao mesmo tempo em que apontava para a direção do campo, onde deveria se iniciar a partida. O público começou, a cada gesto, a aclamar por Vela Branca, causando ciúmes no goleiro Gusta, já visivelmente combalido com a situação, pois naquele dia, ele além da tradicional e rica indumentária preta, tinha marcado seu rosto com duas linhas brancas paralelas em homenagem aos “Índios Botocudos” que foram os primeiros habitantes de Pedra Azul. Por fim, após duro embate, o DERPA venceu o campeonato com um belo gol do craque “Bustuca Cabeleira”. No final do jogo, o juiz Vela Branca,

junto com os jogadores vencedores, foi carregado nos braços pela torcida ao redor do gramado, com raivosos protestos da torcida do Esparta, que interpretou as performances do juiz como sinais que favoreceram o time do DERPA.

### **Encontro com a metrópole**

O meu irmão mais velho tinha uma boutique bem perto da nossa casa, e para ganhar alguns trocados eu tomava conta da sua loja, das 13h00 às 15h00, para que ele pudesse almoçar e depois fazer a sua sesta. Dessa forma eu passei a ter garantido o meu dinheiro para assistir aos filmes de faroeste, nos finais de semana no Cine Izabel, e me divertir com os comentários do locutor oficial. As compras das bijuterias e artigos para presentes comercializados na “Shanna Boutique” eram feitas a 1.320 km de distância, na cidade de São Paulo. Naquela época, a viagem de Pedra Azul para São Paulo era feita somente por ônibus da Viação Salutaris ou Itapemirim, que partiam do Nordeste rumo ao Sudeste.

Esses ônibus tinham um ponto de embarque no entroncamento da nossa cidade com a Rio-Bahia, isso depois de terem feito a última parada em Vitória da Conquista, ainda na Bahia. A parada de Pedra Azul era a primeira do ônibus em Minas Gerais e levava ainda um tempo de 24 horas para chegar ao seu destino final, que era São Paulo. O motivo de as compras serem feitas em São Paulo e não em Belo Horizonte era porque além de haver mais novidades e bons preços nas lojas da Rua 25 de Março, a minha avó materna e duas tias tinham se mudado para São Paulo e por lá viviam há muito tempo. Dessa forma, a ida para São Paulo era uma maneira de adquirir as mercadorias para serem revendidas na loja do meu irmão e também para visitar a família, levando notícias e novidades de Pedra Azul.

Certa vez o meu irmão resolveu me levar em uma dessas suas idas a São Paulo, que normalmente precediam a época de Natal. Assim, tendo completado 14 anos eu fui pela primeira vez conhecer uma grande cidade e também uma metrópole capital. Lembro-me de que a viagem era muito fatigante, pois nem bem o ônibus fez a sua primeira parada na cidade de Medina, aquela cidade vizinha que tinha o time do Esparta como rival do nosso DERPA, eu já estava perguntando ao meu irmão se já estaríamos chegando em São Paulo, quando ele me responde que ainda faltavam 23 horas de viagem. A nossa bagagem, além das malas com roupas e pequenas lembranças enviadas pela família, era composta também por uma grande caixa de papelão contendo várias coisas que meus pais cuidadosamente prepararam para a minha avó e minhas tias. Eram comidas e iguarias regionais que elas não degustavam há muito tempo, como beiju de goma, farinha de mandioca cacau, doces de frutas cristalizadas, manteiga de garrafa, queijo cabacinha, tijolo de mamão, trança de queijo em massa branca, requeijão amarelo e óleo de pequi em garrafa.

Durante a longa viagem, nós dormíamos e acordávamos, mas nunca o ônibus chegava ao seu destino. Lembro-me de que observei que em algumas paradas muitas pessoas desciam com toalhas de banho e sabonetes em direção aos banheiros, que tinham chuveiros somente de água fria, dentro de box feitos em pedra ardósia. Essas pessoas pegaram o ônibus na origem da viagem, que era em Pernambuco, passando assim por Alagoas, Sergipe e Bahia. Até a entrada do ônibus em Minas Gerais, eles já tinham somados outras 24 horas de viagem, isto é: São Paulo ficava para eles a 48 horas de onde partiram, o que me servia como um leve consolo. O meu irmão, mais experiente que eu, levava consigo um pequeno rádio de bolso movido a pilhas com um pequeno fone conectado a um dos seus ouvidos, esse fone tinha popularmente o apelido de egoísta e logo entendi o porquê, pois ele somente tinha uma saída de áudio.

O impacto de São Paulo para minha vida foi determinante, pois em uma mesma semana eu conheci prédio, elevador, viaduto, escada rolante e metrô, em um verdadeiro choque civilizatório, estético e tecnológico. Ali eu também pude, pela primeira vez, mudar o canal da televisão com um controle remoto e colocar os dedos no disco giratório em um telefone de mesa. Recordo-me de que em 1974 estavam sendo inauguradas as primeiras linhas de metrô de São Paulo e naqueles dias as catracas ficaram abertas para o povo poder ir se acostumando em como utilizar a novidade. Outro grande impacto foi ver tantas lojas juntas na Rua 25 de Março, onde trafegavam cerca de quatrocentas mil pessoas por dia em um emaranhado de lojas de proprietários chineses, turcos, libaneses, árabes e de diversas outras etnias do mundo, que foram fazer a vida em São Paulo.

O prédio da minha avó e das minhas tias ficava na Rua Cesário Mota Júnior, esquina com Martins Fontes, bem perto da Praça Roosevelt, ou seja, bem no centro de São Paulo. Assim eu pude conhecer a pé o centro da cidade e presenciar o impacto do pesado tráfego em um trânsito sempre caótico que me exigia constante atenção para atravessar suas largas avenidas. Lembro-me também dos ônibus elétricos que subiam e desciam a Avenida da Consolação, e, à primeira vista, achei um luxo eles poderem consumir tanta eletricidade sem nenhuma preocupação com o custo. Fiquei também perplexo com a descomunal altura do edifício Terraço Itália, que me fez perceber como era pequeno o nosso prédio dos Correios. De igual forma me fizeram brilhar os olhos as curvas onduladas do edifício Copan, de Oscar Niemeyer (1907–2012), que contrastava as linhas geométricas Art Déco do nosso Hotel Laranjeira.

Encantei-me com a beleza da estrutura em balanço do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi (1914–1992), na deslumbrante Avenida Paulista, que era bem maior que os tímidos vãos livres das marquises também Déco do nosso Cine Teatro Izabel. As minhas primas por parte da minha mãe me mostraram o complexo do minhocão, que

passava em forma de túnel por debaixo da Praça Roosevelt e seguia em forma de viaduto cortando o centro da cidade como uma grande serpente em movimento curvilíneo. A minha tia Marli me levou para conhecer a imponente Catedral da Sé e o marco zero da cidade, ponto que serve de referência inicial para todas as rodovias de São Paulo. A tia Ilca orgulhosamente me levou para conhecer o Shopping Center Iguatemi, à época o maior de São Paulo, onde cabiam juntos todos os estabelecimentos comerciais da nossa pequena Pedra Azul.

Muitas vezes, após o jantar, sentávamos todos na sala para lembrar das histórias pitorescas recolhidas pela nossa eterna professora de português Sulian Rodrigues e principalmente dos famosos contrastes que tanto marcavam a identidade da nossa cidade. Recordávamos que Dona Neném tinha 90 anos, Dona Alta se reduzia a metro e meio, Dona Reduzina, por sua vez, era alta, tinha um metro e noventa. Seu Santinho trabalhava no matadouro, Dona Moça tinha sete filhos, Dona Alva era negra e Dona Preta era branca, Bispo era porteiro na zona boêmia, Gastão era mendigo, Dr. Mussolini, promotor de justiça, Dr. Lenine latifundiário e Seu Padre era ateu. Tudo isso era por nós lembrado, seguido de constantes gargalhadas que se ouviam pelo andar do prédio.

Outra lembrança que trouxe viva comigo de São Paulo foi o marcante cheiro dos espaços internos dos seus prédios. Esse cheiro era um misto de construção antiga, material utilizado na limpeza dos *halls* e o ar seco e morno emitido pelos fossos dos elevadores. Reparei também que os porteiros e faxineiras dos prédios eram, em sua maioria, de origem nordestina, e por isso tantos ônibus traziam e levavam diariamente as pessoas daquela região do Brasil para São Paulo, além, é claro, dos que iam trabalhar no grande comércio e na próspera indústria local. Meu pai, que era fiscal de rendas estadual e trabalhou por muitos anos em um posto de fiscalização na divisa entre Minas e Bahia, certa vez me contou ter visto um caminhão chamado de pau-de-arara, que estava indo do Nordeste em direção a São Paulo. Nele havia os seguintes dizeres no para-choque frontal: “Levo os inocentes”; e no para-choque traseiro vinha assim completado: “Trago os arrependidos”.

Mas muito mais gratificante para mim foi o contato com a minha estimada avó, pois pela grande distância entre as duas cidades, ficávamos sem vê-la por muito tempo. Ela frequentava diariamente, bem cedinho, as missas na Igreja da Praça Roosevelt, não sem antes fazer sua ginástica no próprio quarto, como lhe recomendara sua médica japonesa que a seguia pela diabetes. A minha avó se chamava Maria Amélia de Lima Flores, mas todos nós, inclusive o povo da nossa cidade, a chamava carinhosamente de mãe azul, em referência ao apelido dado pelo meu irmão mais velho, o mesmo que me levou para conhecer São Paulo, por ocasião em que vivera com meus pais fora da nossa cidade e dizia que queria ir para a casa da mãe que morava em Pedra Azul. Ela me relembra, com santís-

sima paciência, das histórias que já havia me contado da época em que viveu em “Cachoeira do Pajeú”, uma bucólica cidadezinha vizinha a Pedra Azul, para onde posteriormente se mudou.

Mãe azul me lembrou de quando ela e toda a família, junto aos demais habitantes da cidade, fugiram dos “revoltosos”. Chegara a notícia que os revoltosos já se encontravam bastante próximos em caravana e que contavam com milhares de pessoas em revolta contra tudo e a todos. Na verdade, os denominados revoltosos eram a Coluna Prestes, liderada por Luís Carlos Prestes (1898-1990), que entre os anos de 1925 a 1927 percorreram o interior do Brasil buscando apoio às suas ideias reformistas em oposição ao Governo do Presidente Artur Bernardes (1875-1955) no período da República Velha. Minha avó conta que um de seus vizinhos de rua, ao sair apavorado no meio da noite, carregou pela noite escura a esposa em seus braços, pois ela não podia caminhar por se encontrar enferma, e assim seguiram todos para um local seguro que tinham combinado. Ao chegar no ponto marcado, o vizinho se deu conta, para desespero de todos, que carregara, na verdade, um pesado pilão de madeira e não a sua esposa doente.

Outra curiosa história que ela me contava era sobre o “Romão”, que naquelas bandas era conhecido como uma das formas de aparição do velho demônio, termo este também encontrado nos contos do Guimarães Rosa. Nessa história, o Romão resolveu habitar por um tempo a fazenda vizinha à da propriedade dos meus avós em Cachoeira do Pajeú. Ela me disse se tratar, inicialmente, de uma voz que começava atrapalhando as orações do terço que vinha rezado às 18h00, por ocasião da Semana Santa. O Romão, que era invisível, também fazia diversas estripulias, como derrubar as vasilhas das cabeças das moças que retornavam com os utensílios limpos do riacho, jogar esterco de gado nas panelas de comida que estavam por cima do fogão a lenha na cozinha e, certa vez, apanhar um bebê que estava no colo da mãe e o levar para cima de um pé de manga, retornando com a criança somente depois de atendidos os seus vários desejos e caprichos.

Ela me lembrou também de uma história que eu recordava em detalhes, mas que eu gostava sempre de ouvi-la recontar por muitas várias vezes. Tratava-se da lenda do “bicho das canelas”, que sempre aparecia por aquelas bandas e consistia em um bicho do qual somente se viam suas longas pernas finas, que iam do chão até o além, sem que ninguém jamais tivesse visto o seu corpo inteiro e muito menos a sua cabeça. Outra história muito interessante que eu sempre gostava de ouvir era sobre o “bicho dos cacos”, que apareceu em outra fazenda vizinha à sua e que era uma imensa quantidade de cacos de cerâmica, amarrados entre si por um forte barbante. Esse conjunto de cacos, coloridos e disformes, corria sozinho de um lado para outro pelo pátio da fazenda, às vezes de forma linear, às vezes em forma circular ou, ainda, em zigue-zague, como se tivesse vida própria.

Tudo isso para desespero dos cachorros, que atacavam e recuavam com medo de serem feridos pelo estranho bicho.

Mãe azul, como toda avó mineira, gostava muito de culinária, e enquanto as suas filhas estavam no trabalho, ela assistia diariamente ao programa de culinária da Ofélia, na TV Tupi, onde aprendia novas receitas gastronômicas, porém, como não dominava bem a escrita, ela usava do recurso de representar as receitas através de desenhos que depois vinham transcritas pelas filhas ou parentes que a visitavam. Dessa forma registrava em seu peculiar caderno todas as receitas já traduzidas para posterior uso. Vale ressaltar que a transcrição servia somente às filhas, pois no seu caderno de receitas continuavam os desenhos que ela interpretava tempos depois sem nunca cometer um erro ou mesmo troca de ingredientes.

Dessa forma, diante das receitas ditadas pela apresentadora Ofélia, ela desenhava seus códigos e signos representando cada ingrediente citado. Por exemplo, uma lata de azeitonas com um traço ao meio na horizontal, indicava o uso de apenas meia lata. Seis ovos vinham demonstrados através de um número seis circundado por várias bolinhas em analogia aos ovos, uma colher de sal vinha registrada com o desenho de uma colher com sua concha preenchida para se diferenciar da colher de açúcar, cuja concha era simplesmente contornada. Interessante que o total preenchimento da colher representava o gosto salgado, pesado e forte, enquanto a linha simplesmente contornada da colher, representava o gosto doce, leve e suave do açúcar. Observa-se que esses desenhos das colheres vinham sempre seguidos do número de colheres, de sal ou de açúcar, a serem utilizadas em cada receita.

Da mesma maneira, ela também desenhava as tortas e bolos, mostrando a vista superior e buscando demonstrar como seria a decoração final do prato. Do mesmo modo desenhava as seções e cortes transversais ou longitudinais, para demonstrar a localização das camadas de recheio quando neles houvessem, esses desenhos se encontram ilustrando a capa e as páginas divisórias deste livro os quais foram retirados das suas receitas originais. Muito especial também era a sua agenda telefônica, na qual cada desenho ou símbolo localizado no lado esquerdo da agenda possuía uma correlação direta com o número telefônico no lado direito. Diante do número telefônico da minha tia Marli, que trabalhava na FEBEM, ela punha o recorte da figura de uma mulher segurando a mão de duas crianças, para a minha tia Ilca, que trabalhava no Shopping Center Iguatemi, ela punha o recorte da figura de uma embalagem de presente, para a amiga vizinha que a levava para passear nos finais de semana tinha a imagem de um carro e assim sucessivamente vinha preenchida a sua agenda com o contato das pessoas e familiares de seu convívio. Essa mesma solução veio por ela aplicada na cartilha para localização e mudança dos canais na televisão e programas existentes. Com essa forma criativa da minha avó, aprendi naqueles dias de convívio que a imensidão e a grandeza de São Paulo, que tanto me encantara e ao mesmo tempo me amedrontara, não

foram suficientes para fazer surgir na minha avó o sentimento de baixa estima, mas ao contrário, fez surgir toda a sua perspicácia, altivez e inteligência contida.

Após mais de uma semana em São Paulo, tinha chegado o momento do meu retorno. No dia determinado acordamos bem cedo para seguir para a imensa rodoviária e iniciar a saga de mais 24 horas de volta de ônibus para Pedra Azul. Naquela manhã, na pequena sala de jantar do apartamento, encontramos uma mesa de café fartamente posta e dois presentes carinhosamente embrulhados para cada um de nós. A minha avó, naquele momento, já se encontrava na primeira missa do dia, na Igreja da Praça Roosevelt, e não ficara para a despedida. O meu irmão me contou que ela não dava conta de se despedir das pessoas da família e, portanto, demonstrava seu carinho com uma farta mesa para suportar as primeiras horas da longa viagem, os presentinhos de lembrança como recordação da estadia e as orações na igreja para um bom retorno. Voltei para Pedra Azul repleto de novidades para contar para os meus familiares, queria relatar aos amigos da Equipe Zero as coisas que tinha visto e vivenciado naquela fascinante cidade de São Paulo, certo de que aquele primeiro impacto tinha causado transformações internas que somente viria a compreender muitos, muitos anos depois.

Algum tempo depois o meu irmão do meio, Paulo, que era o quarto entre os oito filhos de meus pais, foi morar com a minha avó e minhas tias em São Paulo com o sonho de perseguir a carreira artística como cantor. Ele já tinha dado seus primeiros passos junto aos seresteiros da nossa cidade, onde aprendeu a tocar violão e a cantar com os menestréis que embalavam as noites locais, muitas vezes cantando sob o pavor do bicho da carneira. Mas o medo era compensado pelas moças que retribuía com saborosos licores de jenipapo, cacau e coco cuidadosamente postos nas janelas das casas por onde a seresta ia passando, iluminada apenas pelo clarão da lua cheia. O meu irmão mais velho, Carlos, também era cantor de seresta e de boemia, e foi por meio dele que o meu irmão começou a tomar gosto pelo violão.

Recordo-me de que em 1976, já morando em São Paulo, o meu irmão foi passar férias em Pedra Azul trazendo vários discos dos artistas que faziam sucesso à época. Todos continham de alguma maneira mensagens ou questões políticas que vivíamos naquele momento no Brasil. Os amigos dos meus irmãos que vinham de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro para as férias de julho e dezembro traziam também publicações que nos davam ou nos emprestavam para ler, dentre elas o jornal *O Pasquim*, do Ziraldo e Jaguar, que publicava as charges de traços ágeis e sintéticos do Henfil (1944-1988), dentre elas as do bode Orelana, que comia livros e jornais. Diziam que esse personagem tinha sido inspirado no compositor Elomar Figueira de Melo, de quem o meu irmão Paulo se tornara amigo em São Paulo. Também tinha a “Graúna” e o “cangaceiro Zeferino”, que passavam mensagens de protestos sobre a condição de censura vivida à época pelos brasileiros.

Henfil utilizava-se de seus personagens como metáforas para passar as suas ideias revolucionárias e também como mensagens de protestos sobre a realidade social e a desigualdade existente no Brasil.

Como a repressão não chegava a níveis de violência física em Pedra Azul, comecei a tecer relação entre as atitudes do sargento Preto, do policial Bigodão, do comissário Barbinha, dos conteúdos ufanistas do ensino básico e das aulas de Educação Moral e Cívica no ensino médio com os fatos narrados nas publicações e jornais que vinham de fora da nossa cidade. Recordo-me de que guardávamos essas publicações debaixo do colchão de nossas camas, pois ouvíamos muitas histórias sobre as perseguições a estudantes que ocorriam em diversas capitais no Brasil. Tínhamos notícias de duas irmãs de amigos nossos da cidade que tinham sido presas em Belo Horizonte e levadas para uma prisão no Nordeste do país para que ficassem isoladas dos movimentos estudantis dos quais participavam. Já adolescente pude, então, melhor perceber que vivíamos, de fato, em um regime autoritário que perseguia quem o contestasse; eram, portanto, verdadeiros tempos de grossura.



Espero que este percurso narrativo possibilite maior conhecimento sobre essa fascinante atividade profissional, por meio da vida e obra de quem viu e viveu, a seu modo, o design.

**Dijon De Moraes**

*PhD em Design*

ISBN 978-65-5506-246-5

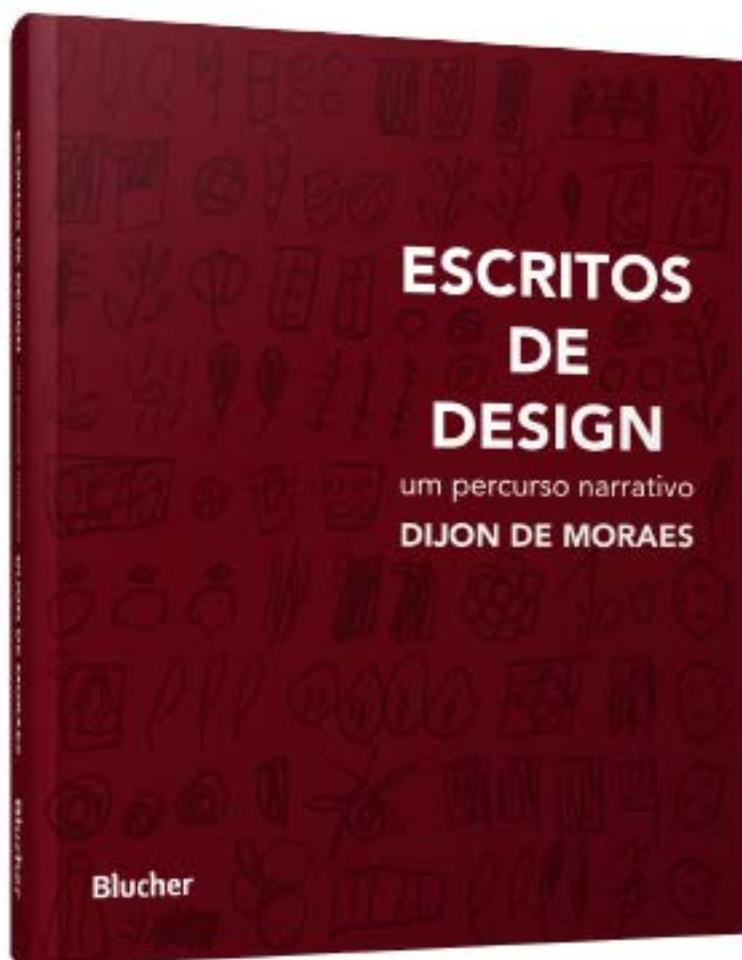


9 786555 062465



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Escritos de Design

Um percurso narrativo

---

**Dijon De Moraes**

ISBN: 9786555062465

Páginas: 558

Formato: 20,5 x 25,5 cm

Ano de Publicação: 2021

---